



UNIVERSIDADE DE CABO VERDE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS – 3ª Edição

**(Re)configuração identitária das mulheres cujos
maridos/companheiros emigraram: Uma análise a partir das mulheres
de Pilão-Cão**

MARIA ANILDA MARTINS DA VEIGA

PRAIA, DEZEMBRO DE 2013



UNIVERSIDADE DE CABO VERDE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS – 3ª Edição

**(Re)configuração identitária das mulheres cujos
maridos/companheiros emigram: Uma análise a partir das mulheres
de Pilão-Cão**

MARIA ANILDA MARTINS DA VEIGA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Uni-CV como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais, sob a orientação do Professora Doutora Andréa de Sousa Lobo da Universidade de Brasília (UnB) e do co-orientador Doutor José Carlos Gomes dos Anjos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

PRAIA, DEZEMBRO DE 2013.

À toda a minha família, especialmente aos meus filhos, à minha mãe, ao meu marido, a minha irmã e aos meus sobrinhos e sobrinhas, dedico este trabalho.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho só foi possível graças ao apoio de várias pessoas que me acompanharam durante este percurso que demorou dois anos. Desta forma, aproveito esta oportunidade para aqui manifestar a minha gratidão por todas elas.

À minha orientadora Professora Dra. Andréa de Sousa Lobo, e ao meu co-orientador Professor Dr. José Carlos dos Anjos por terem aceitado a orientação e por dirigirem este trabalho com muita serenidade, dedicação, amizade, profissionalismo e sobretudo por me terem passado a sensação de segurança e força para prosseguir. Devo-lhes inúmeras, correcções, sugestões e interrogações que me guiaram aos passos desde início deste trabalho e que foram decisivos para esclarecer várias dúvidas surgidas e para despertar em mim uma outra forma de olhar as coisas, isto é um olhar mais crítico e cuidadoso.

À Professora Dra. Miriam Steffen por me ter demonstrado muita amizade e pelo apoio dado nos primeiros momentos desta dissertação.

Agradeço atenciosamente à todos os professores e as professoras da 3ª Edição de Mestrado em Ciências Sociais pelos conhecimentos transmitidos e pela convivência. Um especial agradecimento à professora Jaqueline pelo apoio moral e pela amizade demonstrada.

Às mulheres cujos maridos emigraram em Pilão Cão, os meus cincerros agradecimentos por disponibilizarem seu tempo para prestar informações indispensáveis à realização deste trabalho, mas também pela solidariedade, confiança e amizade demonstrada, durante o meu trabalho de campo. Aproveito também para agradecer aos moradores (as) desta localidade que prestaram as suas informações durante a recolha de dados no campo.

Um agradecimento especial a todos os membros do Laboratório de Investigação em Género (LIG/CIGEF/Uni-CV), à Dra. Carmelita Afonseca, ex-coordenadora do projecto, pelo apoio amizade e tenção dispensada. Ao Adilson Furtado que me acompanhou no trabalho de campo e na transcrição de diário de campo. A dissertação

contou com o apoio do Laboratório de Investigação em Género, através do projecto de implantação do LIG, realizado pelo CIGEF e pelo PPG em Ciências Sociais da Uni-CV, com financiamento da ONU Mulheres-Cabo Verde; que consistiu na assistência à pesquisa por uma estudante de graduação em ciências sociais, como parte de sua formação e iniciação à pesquisa com enfoque em género.

À minha querida família: minha mãe, meus filhos Ruben e Rihanna, meu marido Autelindo, minha irmã Gracinda, meus sobrinhos e sobrinhas. O vosso apoio moral, amizade, carinho e amor foram essenciais para realização deste trabalho.

Aos meus colegas de mestrado, 3ª Edição, pelos momentos compartilhados e pela amizade. Aproveito também para agradecer, de forma particular, a minha colega Carmem Cruz.

À minha amiga Carina Morreira e ao meu amigo Francisco Carvalho pela correcção e sugestões dadas.

À todos e à todas que de algum modo contribuíram para a efectivação desta pesquisa.

RESUMO

Esta dissertação visa investigar a realidade das mulheres cujos maridos/companheiros emigraram em Pilão Cão de modo a compreender se as mudanças ocorridas a partir da saída dos seus cônjuges as levam a construir uma nova imagem de si e por conseguinte uma nova identidade. Para a concretização desse objectivo realizou-se uma pesquisa etnográfica junto dessas mulheres onde foram recolhidos os dados que retratam vários aspectos relacionados às suas experiências pessoais e familiares, concretamente os papéis desempenhados, os sentimentos experimentados, o controle social a que são sujeitas e sua relação com os próprios familiares e com os familiares do marido/companheiro. A análise dos dados mostrou que as modificações às quais foram sujeitas são percebidas de uma forma diferente por essas mulheres, dependendo da relação que mantém com os seus maridos/companheiros no estrangeiro. Entretanto ficou patente que em alguns casos assumiram mudanças e a construção de uma nova identidade e noutros casos houve apenas a alteração dos papéis de género.

Palavra-chave: mulheres cujos maridos/companheiros emigraram, género, família identidade.

ABSTRACT

This thesis aims to investigate the reality of women whose husbands/partners emigrated in Pilão Cão in order to understand whether the changes from the output of their spouses cause them to build a new image of themselves and therefore a new identity. To achieve this objective an ethnographic research of these women where the data that shows various aspects related to their personal and family experiences was collected , most specifically the roles played , the feelings experienced, social control under which they operate and their relationship with the relatives and the relatives of the husband/partner . Data analysis showed that the changes which have been subject are perceived differently by these women, depending on the relationship they maintain with their husbands/partners abroad. However it was clear that in some cases they assumed changes and the construction of a new identity and in other cases there was only a change of gender roles.

Keywords: women whose husbands/partners migrate, gender, family identity

LISTA DE ILUSTRAÇÕES (Fotos e Mapa)

Mapa 1	Zonas administrativas do concelho de São Miguel.	21
Figura 2	Vista parcial da comunidade de Pilão Cão (época de “azágua”).	22
Figura 3	Uma família praticando a sementeira de milho e feijão.	25
Figura 4	Uma casa de emigrante em Pilão Cão.	39

LISTA DE SIGLAS

AFAP	Associação Filhos e Amigos de Pilão Cão.
AJUPI	Associação Jovens Unidos de Pilão Cão.
INE	Instituto Nacional de Estatística.
FAIMO	Frente de Alta Intensidade de Mão-de-Obra.
PAICV	Partido Africa da Independência de Cabo Verde-
PDU-PC	Plano de Desenvolvimento Urbanístico de Pilão Cão.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	iv
RESUMO	vi
ABSTRACT	vii
LISTA DE ILUSTRAÇÕES (Fotos e Mapa)	viii
LISTA DE SIGLAS	ix
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA DO ESTUDO .	7
1.1 Género enquanto dimensão construída.....	7
1.2 Definição do método de pesquisa e técnicas de recolha de dados no terreno	13
1.3 Caracterização dos sujeitos pesquisados	15
1.4. A escolha do local de estudo e a experiência de campo	16
CAPÍTULO II - CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO	20
2.1 - Caracterização de Pilão Cão: caracterização física e demográfica	20
2.2 - Caracterização sócio-económica de Pilão Cão	24
2.3 – O termo “mulher de emigrante”: seu uso e significado	28
CAPÍTULO III – RELAÇÃO DE GÉNERO, E DINÂMICA FAMILIAR NO CONTEXTO DA EMIGRAÇÃO EM PILÃO CÃO	34
3.1 – Os homens emigram e as mulheres ficam	34
3.2. - O papel das mulheres que ficam na concretização do projecto da emigração dos seus cônjuges	38
3.3. - Conjugalidade à distância e a questão da outra família	45
3.4.- Viúva de lenço branco: o casamento para toda vida	49
3.5 - A família no contexto da emigração	52
CAPÍTULO IV - CONTROLE SOCIAL EXERCIDO SOBRE AS MULHERES CUJOS MARIDOS/COMPANHEIROS EMIGRARAM E, TENSÕES FAMILIARES	57
4.1 - O retorno e a espera: duas faces da mesma moeda	57
4.2 - Convivência e tensões sociais entre as mulheres cujos maridos emigram e os seus familiares que ficam no país de origem.	64
CONCLUSÃO.....	73
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	78

INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como foco de análise as mulheres cujos maridos/companheiros emigraram e que vivem na localidade de Pilão Cão, interior da ilha de Santiago. Furtado (1993) e Cardoso (2009) fizeram estudos junto das mulheres cujos maridos/companheiros emigraram, que residiram nas zonas rurais do interior da ilha de Santiago e mostraram que a saída dos seus cônjuges tem provocado alterações nas relações de género. Neste estudo procuro a partir dos vários aspectos relacionados com o quotidiano dessas mulheres analisar, se as mudanças as quais foram sujeitas ajudam na (re)configuração identitária das mesmas.

A emigração caboverdiana é um fenómeno social que atingiu diferentes camadas sociais, independentemente do sexo, *status* social, idade ou residência. Vários são os motivos que impulsionaram essa partida para o exterior, dentre os quais, as causas económicas, sociais, históricas, psicológicas. No entanto, conforme Furtado (1993) os factores económicos são os mais referidos para explicar a saída das pessoas, particularmente das zonas rurais, onde a agricultura e a criação de gado são os principais meios de subsistência das famílias. A esse respeito afirma:

Os anos cinquenta marcam um grande fluxo migratório de cabo-verdianos para o exterior e marcam também um período de escassez de empregos, tanto nos centros urbanos e principalmente, nas zonas rurais, fazendo da saída do país praticamente a única alternativa, uma vez, que nem os centros urbanos tinham condições de absorver as pessoas oriundas de campo (FURTADO, 1983 p.142).

Alguns autores como Furtado (1993), Monteiro (1997) e Grassi (2007) concordam ao dizerem que até meados dos anos oitenta a emigração caboverdiana para o exterior era maioritariamente masculina. Porém, nos finais dos anos cinquenta já se registava a saída de mulheres para a Itália. Aliás, existem estudos feitos em Cabo Verde, junto das famílias e mulheres emigrantes de Itália (LOBO, 2006) e estudos feitos junto das comunidades imigrantes na Itália (MONTEIRO, 1997) que confirmam este facto. Segundo Lobo (2006), na ilha de Boa Vista, regista-se uma saída significativa de mulheres para Itália, ficando os filhos aos cuidados dos avós e ou tias mesmo estando o pai presente.

Relativamente à ilha de Santiago, mais precisamente nas zonas rurais, também tem-se verificado a saída de mulheres. Mas quando se trata de famílias chefiadas por homens, casados ou não, geralmente quem toma a decisão de emigrar é o marido/companheiro, ainda mais se for o factor económico o principal motivo desta saída. Neste caso, as esposas/companheiras ficam no país podendo, posteriormente emigrar com o resto da família ou ficando sujeita às visitas periódicas, que tendem a demorar um período mínimo de um ano.

Os estudos realizados por Furtado (1993) e Cardoso (2009) no interior de Santiago, junto das mulheres cujos cônjuges emigraram evidenciaram algumas modificações nas suas vidas e na família. Elas ficam, cuidam dos trabalhos agrícolas, responsabilizam pela educação dos filhos e da casa, gerem as remessas, e outros bens no país (FURTADO, 1993; CARDOSO, 2009). Enfim, segundo os autores acima mencionados elas assumem compromissos ou adicionam tarefas que na configuração anterior à ida dos maridos/companheiros não assumiam ou podiam ser partilhados entre os dois. Além disso, segundo Dias (2000) a mulher, por ser o membro da relação conjugal que fica no país, adquire certa centralidade na família e atua como um elo de ligação entre marido e os demais familiares que ficam.

Por outro lado, se a emigração for bem-sucedida economicamente, a mulher no país adquire um novo estatuto social impulsionado pela mobilidade económica e financeira facultada pelas remessas enviadas e pelos possíveis investimentos feitos com esse mesmo dinheiro. Segundo Furtado (1993) “nas zonas rurais a emigração constitui um factor importante de mobilidade social e, conseqüentemente, de diferenciação social (...). No campo a diferenciação social entre as famílias dos emigrantes expressa-se através da ostentação e do luxo” (FURTADO, 1993, p. 144 e 145).

Uma outra possível alteração na vida dessas mulheres tem a ver com a espera pelo regresso dos maridos/companheiros, uma vez que, a emigração pode demorar anos e anos, ficando as mulheres sujeitas a visitas periódicas dos mesmos, visitas essas que variam num período de mais ou menos um mês, num ciclo mínimo de um ano de ausência dos cônjuges (DIAS, 2000). Ainda, existem casos em que a espera pelo regresso dos mesmos nunca passa de um sonho. Este facto pode ser causado por diversos factores como a formação de uma nova família no país de acolhimento, a não

recuperação económica suficiente para aquisição de passagens para o regresso ao país, a dificuldade imposta pela legalização dos documentos de residência, o desinteresse e mesmo morte do marido/companheiro.

A situação de espera impõe à mulher certas limitações estando muitas vezes sob controlo social (DIAS, 2000). Normalmente, elas são vigiadas pelos seus familiares e os do marido/companheiro, e pelos vizinhos, que esperam que sigam comportamentos socialmente estabelecidos sob pena de pôr em causa seu próprio relacionamento conjugal. A coabitação com os seus familiares e os dos seus maridos/companheiros pode ser uma forma de controlo social exercida sobre elas na ausência dos seus cônjuges.

Entretanto, tal situação ganha maior visibilidade no meio rural (contexto deste estudo) em que, utilizando as expressões de Durkheim (1978) verifica-se a existência de uma “consciência colectiva forte” e “maior controle social sobre os indivíduos”. Assim sendo, a própria sociedade sanciona os indivíduos cujos actos violam certas convenções sociais.

Tendo em consideração as possíveis transformações experimentadas pelas esposas/companheiras que ficam, e que podem ocasionar na construção de novos significados sobre a sua própria pessoa, na modificação dos papéis sociais, na maior autonomia ou mesmo no desempenho de novos papéis antes socialmente atribuídos aos maridos/companheiros, questiono: (1) o que para elas significa ser mulher nestas condições; (2) como vêm o controlo social exercido sobre elas; (3) se as mudanças experimentadas influenciam na (re)configuração identitária.

Para Hall (2006) e Castells (2007) a identidade é criada e compartilhada pelos grupos sociais. Tem um carácter dinâmico e acompanha as mudanças a nível estrutural e individual. Neste caso considero que as mulheres cujos maridos emigram partilham histórias comuns. Todas vivenciam a separação física dos maridos/companheiros e todas são afectadas por mudanças provocadas por essa ausência. A identidade aqui analisada é vista como sendo um processo de construção de novos significados com base em mudanças a que foram sujeitas podendo ser (re)configurada.

Tomando em consideração os pontos acima mencionados, este estudo irá centrar-se em alguns aspectos, como por exemplo: a vida pessoal e familiar dessas mulheres, tais como a sua relação com o marido/companheiro, com os vizinhos e com os demais familiares (neste caso, refiro aos familiares delas e aos do marido/companheiro).

Partindo dessas reflexões levanto a seguinte questão que orienta toda a minha investigação: como a emigração dos maridos/companheiros contribui para a (re)configuração identitária das esposas/companheiras que ficam na comunidade de Pilão Cão?

A emigração é um processo social que afecta diversas sociedades no mundo. No caso específico de Cabo Verde a emigração tem sido uma realidade desde o século XIX com a saída de caboverdianos para os Estados Unidos da América nos barcos que vinham pescar baleias nos mares do país. (CARREIRA, 1983). Este anseio pela emigração continuou até aos nossos dias, sendo uma das principais justificativas apresentadas é a busca de melhores condições económicas para as famílias que ficam. Daí que, várias pesquisas têm sido feitas no sentido de entender estes emigrantes, principalmente no que se relaciona com a sua integração no país de chegada, o seu relacionamento com os familiares que ficam etc. Neste caso, cito alguns trabalhos publicados como, por exemplo, os de Grassi (2003); Grassi & Évora (2007); Monteiro (1997); sendo que a maioria desses estudos estão voltados para os emigrantes e seus descendentes, sejam eles homens ou mulheres. Já voltada para a família dos emigrantes que fica cito os trabalhos de Furtado (1993), Cardoso (2009), Lobo (2006), e Dias (2000).

Nesta pesquisa proponho um estudo a partir de outra perspectiva. A minha investigação terá como objecto as famílias dos emigrantes que ficam no país, particularmente as suas esposas/companheiras, na localidade de Pilão Cão concelho de São Miguel. Penso que a particularidade deste trabalho reside no facto de por um lado, elas pertencerem a uma realidade específica, e por outro, embora o trabalho se centre na vida das esposas/companheiras que ficam, elas serem também vistas na relação com o marido/companheiro e com os demais familiares.

Neste sentido, considero que este trabalho trará uma nova visão sobre as esposas/companheiras no espaço rural do interior da ilha de Santiago cujo quotidiano é

influenciado pelos seus maridos/companheiros que residem no exterior, como imigrantes. Essa influência pode ser materializada através do controlo exercido pelo marido e seus familiares sobre elas e pelo novo estatuto adquirido, isto é, o de “mulher de emigrante”.

Além da pertinência e da contribuição que este trabalho possa dar no campo académico, a escolha deste tema reside também na minha motivação pessoal. As observações que tenho feito durante o trabalho de campo e não só, as conversas informais tidas e alguma convivência com as mulheres cujos maridos/companheiros emigraram, têm-me despertado a atenção e uma certa vontade de compreender a real situação dessas mulheres.

O trabalho aqui apresentado tem os seguintes objectivos gerais: analisar de que forma a emigração dos maridos/companheiros é susceptível de promover a (re)configuração identitária das esposas/companheiras que ficam em Pilão Cão; compreender os novos padrões de sociabilidade daquelas mulheres a partir da emigração dos seus maridos/companheiros.

Em relação aos objectivos específicos pretende-se o seguinte: (1) Analisar e discutir os papéis sociais da mulher na família e no projecto de partida do marido/companheiro; (2) Compreender a percepção das mulheres sobre o seu processo de autonomização pessoal após a emigração do marido/companheiro e suas interações com vizinhos e os demais familiares; (3) Analisar a relação dessas mulheres com o novo *status* que adquirem após a emigração dos seus maridos/companheiros.

Para alcançar os objectivos traçados, este estudo irá centrar-se no método etnográfico¹ uma vez que, pelas suas características, é o mais indicado para o estudo de carácter qualitativo como este. Na verdade este método permite lidar com os sujeitos envolvidos no estudo e conhecer o contexto social onde estes sujeitos estão inseridos.

Esta dissertação encontra-se estruturada em quatro capítulos. No primeiro capítulo farei a fundamentação teórica e metodológica do estudo. Apresentarei uma análise relativa ao

¹ Este assunto será desenvolvido com mais pormenor no capítulo I deste trabalho.

uso do conceito de género e alguns contornos à volta do mesmo através de recursos aos vários autores que ajudaram-me a compreender e a explicar as teorias nativas. Ainda, neste capítulo farei a descrição dos métodos e das técnicas usadas para a recolha dos dados no terreno, assim como dar a conhecer aquilo que foi a minha experiência durante o trabalho de campo.

No segundo capítulo apresentarei o meu campo de pesquisa. Pilão Cão será retratado a nível do concelho de São Miguel, no seu aspecto físico e demográfico. Também irei descrever os aspectos socioeconómicos desta comunidade onde a emigração surge como uma estratégia para colmatar as dificuldades relativas à prática de agricultura e à criação de animais. Será ainda abordado o termo “mulher de emigrante” no que diz respeito ao seu uso e significado.

No capítulo seguinte analisarei as mulheres que ficam, relativamente ao papel desempenhado na concretização do projecto da emigração dos seus maridos/companheiros. Também apresentarei uma análise relativa à conjugalidade à distância e as denominadas “viúvas de lenço branco”. Ainda neste capítulo irei analisar a família dentro do contexto da emigração.

No quarto e último capítulo apresentarei uma análise relativa ao controlo social exercido sobre as mulheres que ficam quando os seus maridos/companheiros emigram. Normalmente as mulheres cujos maridos/companheiros emigraram ficam sob os cuidados dos familiares do marido que tendem a controlar seus comportamentos da forma como é socialmente determinada, sob pena de pôr a sua conjugalidade em risco.

CAPÍTULO I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA DO ESTUDO

Neste capítulo pretendo fazer uma breve alusão ao conceito de “género” e algumas considerações à volta do mesmo. Atendendo à natureza e à particularidade desta pesquisa procuro mostrar que género é um conceito sociocultural, por isso, a sua análise requer um conjunto de condições, dentre as quais o contexto e a prática social onde são produzidas as relações de género. Recorrendo a algumas teorias produzidas sobre “género” e relações de género procuro ainda, a partir dos discursos e das práticas nativas compreender a forma como os mesmos são representados nesta comunidade rural.

Ainda neste capítulo, falarei sobre o método e as técnicas usadas para a recolha dos dados no terreno, onde darei a conhecer os meus sujeitos pesquisados e também exporei a minha experiência de campo como pesquisadora.

1.1 Género enquanto dimensão construída

O termo “género” tem sido usado ao longo da história nas várias línguas e com significados diversos que vão desde as categorias gramaticais e literárias aos conceitos da diferença sexual, raça, etnia, mulheres etc. (SCOTT, 1995). Entretanto, nas Ciências Sociais, este conceito foi difundido a partir dos anos 70 e questiona o facto de os papéis dos homens e das mulheres não serem definidos pelo sexo, mas sim estarem ligados à cultura. Para tal, vários são os cientistas sociais que abordaram esta questão a fim de compreender e de explicar as desigualdades sociais existentes entre homens e mulheres, tomando como pressuposto as diferenças culturais e não características biológicas com que nascemos.

Para Scott (1995) “a preocupação teórica com género como sendo uma categoria de análise surgiu nos finais do século xx” (SCOTT, 1995, p.85). Deste modo, aos poucos substitui-se a categoria binária do sexo e introduziu-se outras categorias de análise nos estudos de género. Por exemplo, a filósofa Americana Judith Butler (2003), uma das principais críticas feministas sobre esta matéria, esclarece que nas produções escritas sobre género e relações de género deve-se levar em conta raça, etnia, cultura, religião enfim, o contexto social dos indivíduos. Só assim no entender desta autora as tais

produções se traduzem nas reais condições de vida dos homens e das mulheres na sua maneira de ser, de agir, e existir, etc. (BUTLER, 2003). Foi neste contexto que a autora criticou as produções escritas feitas pelas feministas brancas ocidentais sobre as mulheres negras do terceiro mundo. Elas referiam-nas como vítimas, opressoras, dominadas pelos homens e sem poder, porque segundo esta autora não levaram em consideração que género e relações de género são atravessados pelas categorias acima referidas. Esta autora utilizou a expressão “colonização discursiva” para se referir a um discurso sobre o outro, que neste caso, não corresponde à realidade social do mesmo.

Além de Butler (2003) outros feministas como Mohanty (2008), Haraway (1995), Moore (1991), também foram destacadas por criticarem o uso monolítico da categoria mulher e por sugerirem uma nova forma de abordar esta temática. Elas enfatizaram a produção de um conhecimento contextualizado trazendo à tona o uso de um novo método (que permite uma aproximação e convivência entre o sujeito e o seu objecto de estudo) e um novo modo de produção de conhecimento onde são incluídas a cultura e a vivência das mulheres.

Para Piscitelli (1998) a nova abordagem sobre género exige não só uma nova maneira de abordar a realidade social como também um processo de desconstrução das teorias já produzidas. Scott (1995) por sua vez, utilizando o termo desconstrução de Jacques Derrida, propôs uma análise crítica na produção de conhecimento sobre género ao dizer:

Devemos encontrar formas (mesmo que imperfeitas) de submeter sem cessar nossas categorias à crítica e nossas análises à autocrítica (...) essa crítica significa analisar levando em conta o contexto, a forma pela qual opera qualquer oposição binária revertendo e deslocando a sua construção hierárquica, em vez de aceitá-la como real ou como fazendo parte da natureza das coisas (SCOTT, 1995, p.84).

As considerações a nível do método e produção de conhecimentos sobre género levados a cabo por essas e outras autoras feministas levaram-me a reflectir sobre o contexto caboverdiano e na necessidade/importância de produção de “conhecimento situado” utilizando a expressão de Haraway (1995). Cabo Verde é um país pequeno, entretanto as diferenças culturais a nível das ilhas e mesmo a nível das comunidades dentro de uma mesma ilha são visíveis. Ainda que essas diferenças possam se manifestar através da

língua, dos hábitos e dos costumes, elas tornam-se mais transparentes e compreensíveis através de uma análise micro como os antropólogos têm estado a fazer.

Ultimamente foram feitos alguns estudos etnográficos em Cabo Verde e nos têm indicado algumas especificidades das ilhas e das regiões que constituem o nosso país. Neste caso saliento os estudos feito por Cláudio Furtado (1993) sobre as transformações do espaço rural a partir da emigração masculina, os de Juliana Dias (2000) onde mostrou como a organização familiar em Cabo Verde estabelece a ligação com o emigrante e faz com que este não rompa com a sua sociedade de origem. Relativamente à organização, dinâmicas familiares e transformação dos papéis de género no contexto da emigração sublinho os estudos feitos por Carla Cardoso (2009) sobre as mulheres “fornadjeiras” da Ribeira de Principal no município de São Miguel, e os de Andréa Lobo (2012) sobre a forma como os laços familiares se tecem e se mantêm relativamente à emigração feminina na ilha de Boa Vista.

Lobo (2012), nos seus estudos na ilha de Boa Vista, afirma que as mulheres emigram para a Itália, ficando os homens e os filhos na ilha, estes sob os cuidados dos avós e das tias. Já na ilha de Santiago, sobretudo no meio rural, embora se registre a saída de mulheres verifica-se uma tendência contrária. Os homens emigram ficando as mulheres e os filhos no país. A mulher, por sua vez, assume o comando da família, cuida dos filhos, toma conta do terreno e outros bens deixados, gere as remessas, podendo ou não emigrar posteriormente (FURTADO, 1993; DIAS, 2000; CARDOSO, 2009).

Os dados recolhidos durante a minha experiência de campo em Pilão Cão indicam a mesma tendência, e os discursos produzidos pelas minhas informantes legitimam a saída dos seus maridos/companheiros em vez delas. Portanto qualquer análise que se pretenda fazer neste estudo deve-se levar em conta os hábitos, costumes, valores defendidos, enfim a especificidade do contexto social onde são produzidas as relações de género entre os homens e as mulheres.

Nas conversas e entrevistas com mulheres e homens desta comunidade soube que os homens e sobretudo as mulheres estão cientes de algumas conquistas alcançadas a nível

de género nomeadamente no que diz respeito ao acesso à educação² e no mercado de trabalho³. Reconhecem a sua importância a nível familiar e social, mas continuam a produzir discursos que legitimam as desigualdades entre os sexos, não só em termos biológicos, mas também em termos da construção do ser masculino, e por conseguinte sustentam a superioridade dos homens em relação às mulheres.

Relativamente às mulheres cujos maridos/companheiros emigraram, constatei que nos seus discursos evocam as diferenças sexuais e biológicas e outras construções sociais para justificar a saída do marido/companheiro para o estrangeiro. Por exemplo, as mulheres com quem conversei proferiram expressões como “o corpo da mulher é aberto por isso não aguenta trabalhos pesados”, “os homens é que devem aventurar-se no estrangeiro para abastecer a mulher e os filhos que ficam”, “é muito mais difícil uma mãe deixar os filhos para embarcar do que um pai”, “boa mulher é aquela comportada, acomodada e que consegue esperar pelo seu homem quando estiver fora” “os homens são sexualmente mais fracos, por isso, não lhes são exigidos a fidelidade”, “homem que é homem não deixa a sua mulher trabalhar para sustentar a família”, “uma boa mãe não deixa os seus filhos para correr atrás do homem no estrangeiro”, “a infidelidade da mulher dói muito mais do que a dos homens”. Estas declarações, no meu entender, explicam e reforçam, em parte, a disparidade entre homens e mulheres nesta comunidade.

Entretanto, ao analisarmos estes discursos podemos ver que são construídos a partir de certos valores sociais e culturais que tendem a privilegiar os homens em detrimento das mulheres. O que se pretende neste trabalho é buscar os significados presentes por detrás destes discursos ao qual devo articular a produção individual desses sujeitos à organização social onde estão inseridos.

² Sobre este assunto uma das minhas informantes disse:-fui sempre a melhor aluna na escola primária da minha turma, mas mamãe não me deixou continuar os meus estudos na Praia. Papai, que estava embarcado, pediu a minha mãe que deixasse ir, mas ela insistiu e não deixou só porque sou mulher. Os meus irmãos que nasceram depois de mim estudaram todos e agora têm bons empregos. As minhas duas irmãs mais pequenas são todas professoras e eu também poderia ser (...). (D. NA., 53 anos).

³ Através das conversas que tive com várias mulheres que vivem nesta localidade fiquei a saber que elas são capazes de desempenhar diferentes tarefas inclusive as que consideram que são tarefas dos homens. Também pelas conversas contactei que através dos seus trabalhos contribuem activamente na renda familiar com ou sem a presença física a marido/companheiro na família.

As interpretações de Scott (1995) relativamente ao termo sexo e género apontaram para a existência de diferenças entre um e outro. Segundo esta autora “sexo não é género⁴” e “género não é sinónimo de mulher”. Contrariamente ao sexo, uma palavra estritamente biológica, género é um termo que agrega vários aspectos e também diz respeito ao relacionamento entre homem e mulher numa dada sociedade ou cultura. O conceito de género foi criado para se opor ao determinismo biológico existente nas relações entre o homem e a mulher. O termo “género” indica uma construção cultural e é uma forma de se referir as origens sociais das identidades subjectivas do homem e da mulher. Esta autora apresenta duas definições para o termo “género”:

(1) Género é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o género é uma forma primária de dar significado às relações de poder.” (SCOTT, 1995, p. 86.)

Aceitando a premissa de que género é um termo cultural fica evidente que cada sociedade cria o seu próprio significado para sistemas de género. Neste caso, ser homem ou ser mulher varia em cada sociedade (grupos sociais, comunidade) e a posição ocupada por cada um depende dos valores, dos costumes, das normas associadas às explicações e entendimento das categorias masculinas e femininas. Assim, nos estudos de género rejeita-se no seu todo, a ideia do “fixo”.

Um dos documentos produzidos pela União Europeia cujo título é “O Essencial Sobre Género: conceitos básicos”, em 2004, Barbieri (1992, p.11) diz:

Sistema de género é um conjunto de práticas, de símbolos, de representações, de normas e de valores sociais que as sociedades elaboraram, a partir da diferença sexual – anatómica e fisiológica – e que dá um sentido geral às relações entre pessoas sexuadas.

A segunda definição do termo género proposto por Scott (1995) acima referida onde se diz que género é uma forma primária de dar significado às relações de poder, revela-se interessante para este estudo. A dimensão do poder analisado neste caso é visto numa

⁴ Relativamente à diferença entre sexo e género Giddens (2004), refere três abordagens, ainda que contraditórias entre si, para mostrar as diferenças existentes entre os dois termos. Na primeira abordagem, género e biologia, sustenta-se que os factores biológicos influenciam a desigualdade entre os géneros e é observável em todas as culturas. A segunda tem a ver com a socialização de género. Segundo os autores desta abordagem a aprendizagem dos papéis de género se dá através dos agentes socializadores. O sexo com que nascemos nada tem a ver com o género. Se existem desigualdades entre homens e mulheres é porque são socializados em papéis diferentes. Já na terceira abordagem, construção social do género e do sexo, os seus defensores argumentam que tanto o sexo como o género são resultados de construção social (GIDDENS. 2004 p.109, 110 e 111).

relação tal como é defendido por Michel Foucault (1986)⁵. Neste sentido, Scott (1995) propõe que nos estudos de género deve-se pensar no poder de forma plural, refutando-se a relação dominador/dominado, devendo-se deslocar o foco de análise da mulher dominada para grupos e/ou sociedades localizadas e datadas em que mulheres e homens vivem e se relacionam de formas específicas e particulares.

Giddens (2004) diz que na maioria das sociedades, as mulheres, em função do papel que desempenham, têm menos poderes que os homens. Na família, a maioria das mulheres assume responsabilidade na educação dos filhos e nos trabalhos domésticos, enquanto os homens são os provedores da família (GIDDENS, 2004, p.114). Esta divisão de trabalho existente entre os sexos na família e nas outras instituições sociais, incide na desigualdade de oportunidades, na desigualdade de distribuição de poder, de prestígio etc.

A partir dos conceitos como divisão sexual de trabalho, papel social do homem e da mulher, poder e relações de poder na família, tentei investigar junto das minhas informantes a forma como estão sendo percebidas e vividas na ausência dos cônjuges. Na verdade estas constatações feita por Giddens e por outros autores como Bourdieu (2002) também fazem parte do dia-a-dia dos homens e mulheres em Pilão Cão, ainda que se observe algumas mudanças na forma de pensar e na prática. Neste caso, refiro as minhas interlocutoras que na ausência do marido/companheiro assumiram o comando e a subsistência da família e em alguns casos deixaram de ser apenas co-provedora para serem as provedoras da família.

Dessa análise torna-se ainda evidente que as funções desempenhadas no dia-a-dia tendem a ser reconhecidas não apenas a nível privado, mas também a nível público. Isto não só através de trabalhos domésticos, mas também no desempenho de outras tarefas públicas antes desempenhadas pelo cônjuge. Além disso a mulher estando nestas condições passa a ter mais autonomia e a estar mais em condições de negociar a decisão

⁵ Foucault (1986), um dos defensores da corrente pós-estruturalista, propõe uma nova forma de analisar o poder que não seja numa perspectiva antagónica mas sim relacional. Ele considera que o poder está disseminado em toda a esfera da sociedade e que o poder não identifica com grupo dominante mas que a dominação é exercida nas formas múltiplas da esfera social. Para ele o poder está nas relações entre os indivíduos e que não tem que ser analisada de uma forma vertical. Propõe captar o poder nas suas extremidades. (FOUCAULT, 1986)

com os seus cônjuges. No entanto é preciso ter em conta que tais constatações não constituem uma regra. Algumas informações proferidas pelas minhas informantes principais evidenciaram situações de imposição e obstáculos que ainda precisam ser ultrapassados.

1.2 Definição do método de pesquisa e técnicas de recolha de dados no terreno

A escolha de um método e as respectivas técnicas de pesquisa devem atender aos objectivos que se pretendem atingir e à problemática da investigação. No caso específico desta pesquisa é compreender o significado que a saída do marido/companheiro tem na vida das esposas/companheiras que ficam e a possível influência na (re)configuração identitária das mesmas. Neste caso exige-se uma proposta metodológica que permita um certo grau de conhecimento da realidade a ser estudada e a qualidade dos dados recolhidos junto dos sujeitos.

Para Triviños (2009) e Minayo (1994) a pesquisa qualitativa trabalha com universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores, e atitudes, todas elas correspondentes a um nível da realidade que não pode ser quantificado. Para esta investigação a pesquisa qualitativa mostrou-se adequada, porque não pretendo que os dados recolhidos no terreno tenham alguma representatividade em termos numéricos. Pretendo com os dados recolhidos, interpretar e buscar significados, valores e atitudes, símbolos, crenças, relativos a essa realidade social que são aspectos dificilmente captáveis por uma abordagem que não seja qualitativa.

A etnografia é uma forma específica da pesquisa qualitativa Triviños (2009, p.121), que permite o contacto directo com o universo de pesquisa e a participação dos sujeitos envolvidos. Para Malinowski (1978), o fundador do método etnográfico, uma boa etnografia é aquela que nos permite compreender o ponto de vista dos nativos, e consiste numa aplicação correta e conjunta dos procedimentos metodológicos nos trabalhos de campo.

Já Geertz (1989, p.15) considera que a etnografia vai além da prática. Também ela compreende o “esforço intelectual” do pesquisador em fazer uma “descrição densa” de modo a dar um sentido às coisas.

Laplantine (1987, p.150) por sua vez diz que a etnografia corresponde à experiência de uma outra cultura, “aculturação invertida”.

Triviños (2009) aconselha que no uso da etnografia o pesquisador deve apoiar-se nas técnicas que permitem o envolvimento dos sujeitos. Com esta intenção, sirvo-me das entrevistas semiestruturadas⁶ e da observação participante como principais técnicas para recolher dados no terreno.

Desta forma apoiando-me no projecto desta pesquisa, produzi um guião de entrevistas semiestruturadas que orientaram a conversa com os meus interlocutores no trabalho de campo. Na verdade, essas entrevistas mostraram ser um instrumento adequado, porque, possibilitaram uma grande flexibilidade, permitindo que os(as) entrevistados(as) não se limitassem a responder às perguntas pré-elaboradas. As opiniões, os exemplos práticos, a especificidade de cada caso que surgiram ao longo dessas entrevistas possibilitaram novas questões que se mostraram interessantes e enriquecedoras nesta pesquisa.

As mulheres cujos maridos/companheiros emigraram com as quais conversei apresentaram opiniões interessantes sobre a experiência vivida na ausência dos seus cônjuges, no que respeita à situação conjugal à distância (comunicação, decisão, tensão, sentimento, emoção, controlo social exercidas sobre elas), a reorganização familiar, as novas tarefas, a educação dos filhos, a gerência das remessas, o relacionamento com os familiares do marido/companheiro e aos seus próprios familiares.

⁶ Entrevista semiestruturada é aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem respostas do informante (TRIVIÑOS 2009 p.146). Ainda segundo Neto (1994) as entrevistas (estruturadas ou não) são procedimentos usados no trabalho de campo onde o pesquisador busca obter informações na fala dos atores sociais. Diferentemente de uma simples conversa, as entrevistas têm por objectivo a colecta dos dados relatados pelos atores enquanto sujeito e objecto de pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo evidenciada. (NETO, 1994, p. 57).

Além dessas entrevistas, tive várias conversas informais com os moradores desta localidade, entre os quais ex-emigrantes, idosos, vizinhos e familiares dos maridos e das mulheres cujos maridos/companheiros emigraram, cujas informações se mostraram interessantes e complementares à algumas informações recolhidas a partir das minhas informantes principais.

A observação participante também revelou-se importante no meu trabalho de campo sobretudo para confrontar algumas opiniões expressas nas entrevistas. Graças ao uso desta técnica pude observar e participar em certas tarefas/actividades (realizar visita com uma das minhas informantes à casa da sua, fazer a sementeira) e compreender de uma forma mais detalhada algumas actuações dessas mulheres no desempenho de algumas tarefas, junto dos familiares do marido e dos vizinhos.

Durante as entrevistas e observação participante fiz o registo das informações no diário de campo⁷. Tentei registar tudo o que via e escutava e que me parecia estar relacionado ao meu tema. Entretanto houve alguns constrangimentos no registo das entrevistas porque tinha de combinar o ouvir e o escrever ao mesmo tempo. Os registos eram feitos em tópicos, e em casa eram traduzidos para português⁸ e reescritos.

O uso do gravador não teve grande sucesso. Duas informantes minhas não se importaram de gravar as suas conversas. Quanto às outras sempre que pedi permissão para usá-lo, limitaram-se a responder às minhas perguntas, evitando situações de diálogo.

1.3 Caracterização dos sujeitos pesquisados

Como já tinha dito, esta pesquisa é de carácter qualitativo e não pretende que os dados recolhidos (opiniões, declarações, histórias de vida etc.) sejam quantificados ou que tenham alguma representatividade numérica. Pretende sim que os dados sejam relevantes e que permitam atingir a profundidade do problema em estudo.

⁷ O uso do caderno de campo para registo de informações não constitui nenhum constrangimento. Os sujeitos pesquisados estavam conscientes de que era preciso fazer esses registos para realizar o meu trabalho posteriormente. Algumas vezes são eles mesmos a chama-me atenção para registar algumas informações.

⁸ Com excepção de algumas expressões.

Para tal elegeu-se cerca de doze mulheres cujos maridos/companheiros emigraram como sendo as minhas informantes principais. A escolha dessas mulheres foi feita a partir das conversas tidas com as esposas/companheiras daquela comunidade cujos maridos/companheiros emigraram. Elas mostram-se mais abertas e disponíveis em colaborar. Entretanto, somente os depoimentos de dez dessas informantes foram consideradas neste estudo já que duas delas mostraram-se retraídas em prestar depoimentos.

Por uma questão de ética na pesquisa e para garantir o anonimato dos meus interlocutores no campo os nomes aqui apresentados são todos fictícios. Entretanto as mulheres cujos maridos emigraram com quem conversei têm a idade compreendida entre vinte e oito a cinquenta e nove anos, umas trabalham e recebem salários e outras são apenas domésticas, umas residem na casa própria, outras residem na residência dos pais delas e outras ainda na residência dos pais dos seus marido/companheiro, umas recebem visitas dos maridos/companheiros com frequência, outras nem por isso, existindo ainda outras que estão abandonas pelos seus cônjuges emigrados

É de salientar também que as informações contidas neste trabalho foram recolhidas a partir das conversas tidas com as demais pessoas residentes nesta comunidade (os mais velhos, os vizinhos, ex-emigrantes, familiares dos maridos/companheiros emigrados etc.) e que se mostraram importantes, sobretudo para elucidar algumas dúvidas e também para contextualizar o estudo.

1.4. A escolha do local de estudo e a experiência de campo

Do ponto de vista geográfico, o contexto desta pesquisa foi delimitado na localidade de Pilão-Cão, concelho de São Miguel, no interior da ilha de Santiago, o qual vai ser descrito mais pormenorizadamente no capítulo II deste trabalho. Trata-se da localidade onde passei a minha infância, onde vive a minha mãe e a maior parte dos meus parentes e conhecidos. Por isso visito esta localidade com muita frequência.

Naturalmente existe uma certa proximidade entre mim e os meus pesquisados, embora ciente de que essa proximidade não se confunda em momento algum com o saber científico. No entanto sabia que era preciso algum cuidado da minha parte para que essa familiaridade não influenciasse a recolha e o tratamento das informações.

Se se levasse em conta algumas considerações impostas pelas características clássica da etnografia, sobretudo as defendidas pelo Malinowski (1978) e os seus seguidores, desenvolver uma pesquisa etnográfica nesta comunidade parece trazer alguma contradição em termos da definição do objecto e contexto de estudo. Para Malinowski (1978) o antropólogo é aquele que procura compreender a cultura do outro (diferente da do pesquisador), por isso, deve viver entre os nativos, apreender as suas línguas, ter um contacto permanente e prolongado com eles. Portanto nota-se que esta visão prevê um desconhecimento geográfico e cultural dos sujeitos estudados. Neste caso o investigador tem de fazer um esforço para se adaptar ao contexto e a cultura do outro.

Não obstante, o interesse pela pesquisa nessa localidade é grande. A existência de um número significativo de mulheres cujos maridos/companheiros emigraram nesta comunidade desde a muito, tem despertado a minha atenção. De outro modo, foi ali que surgiram as minhas primeiras observações e por conseguinte a motivação pelo tema.

Assim o campo e o objecto de estudo para mim se tornaram um desafio, embora estivesse consciente de que este desafio seria ultrapassado. Aliás, actualmente, a produção científica do conhecimento antropológico não põe em causa a distância geográfica. Tive a necessidade de fazer algumas revisões bibliográficas para melhor esclarecer-se sobre o assunto, mas também para ajudar-me a definir e a construir o meu objecto de estudo. Deste modo evitaria eventuais erros que pudessem comprometer a minha postura no campo e no relacionamento com os meus sujeitos, e por conseguinte os resultados da pesquisa.

As leituras dos textos de Peirano (1992), “A Favor da Etnografia”, Da Mata e Velho (1978) intitulados, respectivamente, “O Ofício do Etnólogo, ou “Como Ter *Anthropological Blues*” e “Observando o Familiar” me esclareceram e me ajudaram a perceber que o distanciamento proposto por Malinowski deve ser criado não no sentido

tal e qual sugerido por ele, mas sim por meio de um esforço para “transformar o familiar em exótico” como sugere Da Matta (1978).

Conforme Da Mata (1978) era preciso “tirar a capa do membro do grupo” e como etnólogo estranhar o familiar e descobrindo assim o exótico (DA MATA, 1978, p. 28 e 29). Por sua vez Velho (1978, p. 39) diz que “o que sempre vemos e encontramos pode ser familiar, mas não necessariamente conhecido”. O facto de se encontrar com as pessoas na rua, de se cumprimentar e de reconhecer ou desconhecer enfim de dispormos de um mapa que nos familiarize com cenários e situações sociais do quotidiano não significa que conhecemos a lógica das relações dos atores sociais. Isso significa sim que “o meu conhecimento pode estar seriamente comprometido pela rotina, pelos hábitos e estereótipos” (VELHO, 1987, p. 41).

Comecei a visitar a comunidade de Pilão Cão com mais frequência, sobretudo nos finais de semana, durante os meses de novembro e dezembro de 2011, janeiro e fevereiro de 2012, (período correspondente a elaboração do meu projecto) com intuito de não só fazer visitas aos meus parentes, mas também para conversar com as pessoas desta comunidade, fazendo visitas domiciliárias sobretudo, às mulheres cujos maridos/companheiros estão fora do país.

Esses primeiros contactos, por um lado, revelaram-se importantes para a efectivação do projecto desta pesquisa, e por outro ajudaram-me a perceber que na verdade a minha familiaridade com o contexto e objecto de estudo não irá criar grandes dificuldades na minha pesquisa futura como havia de se esperar. O facto de ser conhecida e bem aceite pelos membros desta comunidade constituiu para mim uma mais-valia durante a realização do trabalho.

Não obstante, deparei-me com algumas dificuldades que precisavam ser ultrapassadas com o tempo. Algumas mulheres mostravam algum receio em serem minhas informantes julgando que algumas informações passadas poderiam afectar o relacionamento com os seus maridos/companheiros ou mesmo com os familiares dos maridos/companheiros. Para ultrapassar essas barreiras insisti em esclarecer as intenções de uma pesquisa científica e da utilidade das informações para a produção de um trabalho científico. Em relação a esta investigação deixei claro que não se

preocupava com aquilo que consideram de tão pessoal. Como explica Quivy (1998) o que se deve buscar nas entrevistas com os sujeitos não provém de novos factos que revelam mas sim das novas relações que se estabelecem entre os factos e que dá aos factos conhecidos um significado mais esclarecedor.

No mês de julho, mês em que intensifiquei a minha pesquisa de campo, muitas delas já se mostravam à vontade para prestar as informações. Durante os meses de julho, agosto e meados de setembro, período correspondente à minha estadia no campo, as informações recolhidas resultaram de uma combinação das técnicas de observação participante e entrevistas semiestruturadas.

Relativamente a meu trabalho de campo posso dizer que não houve grandes sobressaltos embora algumas vezes tive a sensação de embaraço porque certas perguntas davam aos meus pesquisados a ideia de invasão à sua vida pessoal, mas esta não era a minha intenção. Entretanto para mim foi um momento marcante, de muita experiência e sobretudo de mudança na forma de ver as coisas, isto é passei a ter um olhar cauteloso e analítico.

No capítulo seguinte irei apresentar o contexto deste estudo, no que se refere aos aspectos geográficos e socioeconómicos. Também farei uma breve análise sobre o uso do termo “mulher de emigrante em Pilão Cão”.

CAPÍTULO II - CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO

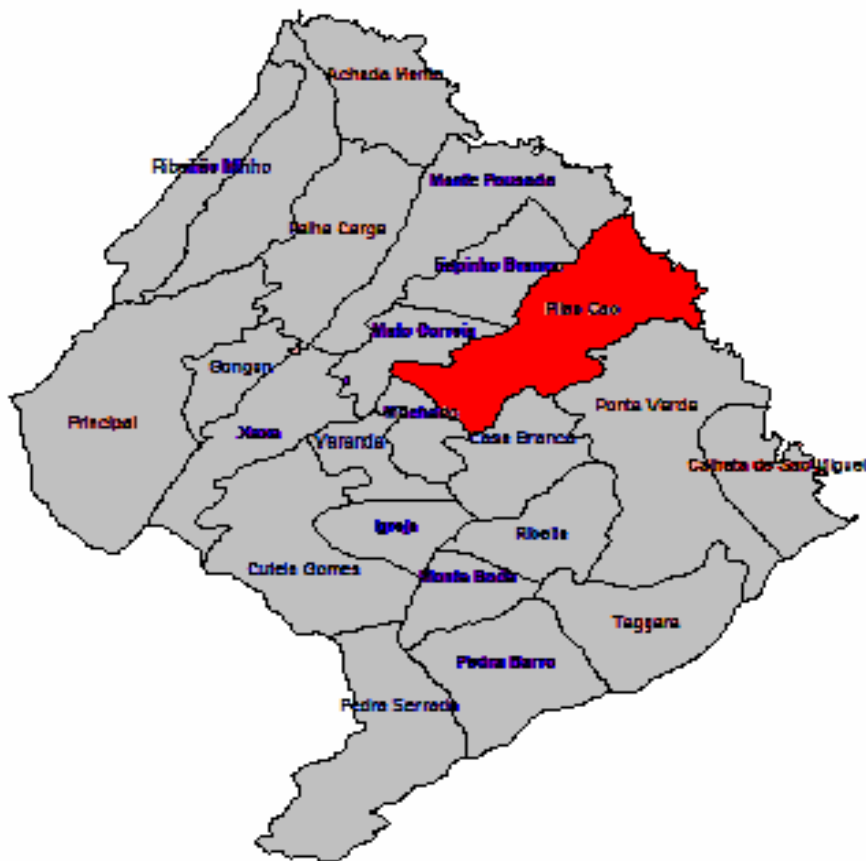
O presente capítulo tem por objectivo apresentar o local em que foi realizado este estudo. Nos primeiros pontos farei uma descrição a nível geográfico e demográfico, situando Pilão Cão a nível do concelho onde está inserido. Em seguida, abordarei os aspectos socioeconómicos desta comunidade, onde procuro mostrar que, a emigração masculina, especialmente a dos chefes de família, tem sido uma estratégia para diminuir o desemprego, pois, a agricultura de sequeiro e a criação de pequenos animais constituem as principais actividades económicas desenvolvidas pelos moradores desta localidade. Por último apresentarei uma análise relativa à compreensão e uso do termo “mulher de emigrante” que constituem o principal sujeito pesquisado neste estudo.

2.1 - Caracterização de Pilão Cão: caracterização física e demográfica

Esta pesquisa foi realizada em Pilão Cão, uma das zonas rurais, do concelho de São Miguel, no interior da ilha de Santiago, sendo esta ilha uma das maiores do arquipélago de Cabo Verde. Tendo como principal centro a Vila de Calheta, São Miguel, antes uma única freguesia (freguesia de São Miguel Arcanjo) pertencente ao Município de Tarrafal, foi elevado à categoria do concelho a 11 de novembro 1997 ao abrigo do Decreto-Lei nº 11/V/96 publicado no B.O. nº 38 I Série de 27 de janeiro de 1997.

São Miguel localiza-se na região nordeste da ilha de Santiago, a 42km da cidade da Praia, capital do país e está rodeada de três outros concelhos nomeadamente Tarrafal, à norte, Santa Cruz, à sul e Santa Catarina, à oeste. Com uma superfície de 90.7km², este município engloba cerca 23 localidades e um total de 15648 habitantes, das quais 8623 do sexo feminino e 7025 do sexo masculino. Os cálculos percentuais indicam que do total da população deste Município, 50,5% são mulheres e 49,5% são homens. Portanto, neste município o número de mulheres é ligeiramente superior a dos homens (INE, Censo, 2010).

Figura 1- Zonas administrativas do concelho de São Miguel



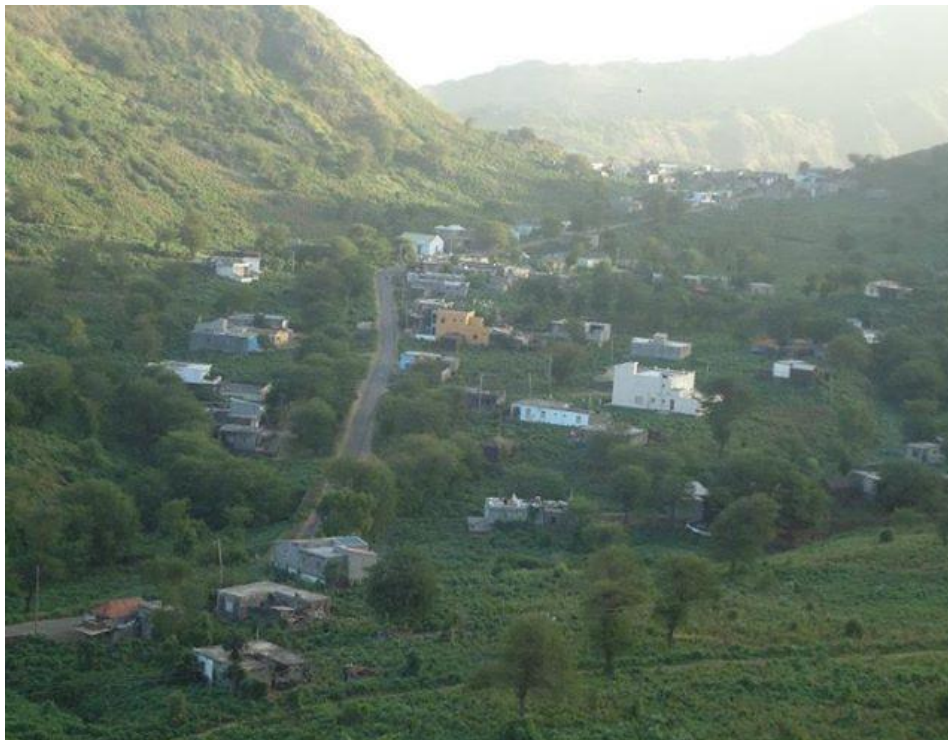
Fonte: Plano de Desenvolvimento Urbano de Pilão Cão - 2007

Pilão Cão é uma das comunidades administrativas mais populosas de São Miguel e está situada a nordeste do concelho, a 5 km da Vila de Calheta, sede do concelho. Segundo os dados do Censo (2010) existem nesta comunidade um total de 1132 habitantes dos quais 468 homens e 664 mulheres.

Pilão Cão faz fronteiras com a comunidade de Espinho Branco situado à norte, a qual se liga por uma estrada de terra batida e por um caminho que atravessa um campo de cultura, a sul, a Ribeira de São Miguel, através de uma estrada inclinada, passando pela comunidade de Machado, onde se situa uma grande nascente que abasteceu praticamente toda a comunidade de Pilão Cão e as comunidades vizinhas até 1991, ano em que foi inaugurado o primeiro chafariz em Pilão Cão. A ocidente situa-se a

comunidade de Mato Correia, ligado por caminhos estreitos e inclinados e a leste, encostas rochosas, incluindo campos de cultivo.

Figura 2 – Vista Parcial da comunidade de Pilão Cão (época de “azágua”)



Fonte: Registada pela autora.

O acesso a esta comunidade pode ser feito através de duas estradas municipais ambas ligadas a uma estrada nacional, que liga Calheta/Tarrafal. Das duas estradas a segunda, no sentido Calheta Tarrafal é a mais movimentada. Inaugurada em meado dos anos 80, esta estrada permite a circulação diária e permanente de pessoas e cargas à Vila da Calheta e aos demais pontos da ilha através dos meios de transportes como os hilux⁹ e os hiaces¹⁰.

Esta localidade é composta por duas zonas bem distintas: As achadas (Achadona e Achada de Bacio) e a zona habitada, a denominada Pilão Cão. As achadas correspondem a uma plataforma que começa do litoral e termina logo à entrada do vale que dá acesso à comunidade de Pilão Cão propriamente dita.

⁹ Meio de transporte, normalmente utilizado para transporte de pessoas e cargas nas deslocações para as vilas ou cidades no interior da ilha de Santiago.

¹⁰ Meio de transporte utilizado para transportar pessoas no interior da ilha de Santiago, sobretudo das cidades para as vilas ou vice-versa.

As achadas são áreas desabitadas, quentes, com solo árido, mas muito fértil se o ano agrícola for muito chuvoso. Caso contrário a agricultura de sequeiro praticada nesta região, muitas vezes, não tem rendimento, a não ser pastos para os animais. Actualmente uma boa parte do terreno que compõe esta zona está sendo utilizado para pastagens dos animais ao ar livre.

A zona de Pilão Cão é uma comunidade rural, cujo desenvolvimento longitudinal se estende por cerca de 3,5 quilómetros, do litoral para o interior e termina com a montanha onde começa a Serra de Malagueta (PDU-PC, 2007). Ao contrário das achadas ali observa-se uma grande concentração de pessoas sobretudo nos vales. Possui uma temperatura amena que se vai suavizando à medida que se entra no vale, devido à influência das correntes frias das montanhas de Serra Malagueta.

Os solos que compõem as encostas e os vales desta região são férteis e propícios à prática de agricultura de sequeiro. A cultura de regadio é praticamente inexistente, limitando-se aos quintais e arredores de algumas casas devido à inexistência de nascentes de água nesta região.

Posicionada a uma altitude considerável, Pilão Cão é uma zona “seca” sem qualquer nascente. Porém, desfruta de uma paisagem verdejante, mesmo na época das secas, devido à presença de uma diversidade vegetal de entre as quais as acácias, purgueiras, figueiras, azedinhas e papaieiras. As acácias por sua vez constituem a maioria dessa flora, graças às várias campanhas de plantação de árvores levadas a cabo nos anos 90, pelos serviços de Frente de Alta Intensidade de Mão-de-Obra (FAIMO). Trata-se de um recurso importante para a população desta zona, pois, é através da poda dessas árvores que as pessoas conseguem lenha para cozinhar os alimentos. Aliás segundo pessoas dessa localidade, graças à existência dessas árvores deixaram de se deslocar à Serra Malagueta à procura de lenha, fato que outrora constituiu uma autêntica ameaça para a vegetação da Serra Malagueta.

A localidade possui algumas infra-estruturas sociais básicas como: uma escola do Ensino Básico Integrado, um jardim infantil, um posto de saúde, uma placa desportiva, uma sede de Partido Africano da Independência de Cabo Verde (PAICV), um centro jovem, uma capela da igreja católica e três chafarizes. Além disso, a zona é abastecida

por rede telefónica, energia eléctrica e rede de água potável, sendo esta última feita com muita carência, pois, a distribuição de água nas casas é feita de uma forma insuficiente e irregular. Assim, as famílias têm recorrido a uma nascente alternativa situada numa zona vizinha denominada Machado para buscar água, sendo esta uma actividade exclusiva das mulheres e das crianças com ajuda de animais, como é o caso do burro.

2.2 - Caracterização sócio-económica de Pilão Cão

Como já tinha dito Pilão Cão é uma das comunidades rurais mais populosa do Município de São Miguel, sendo este um Município constituído, na sua maioria, por uma população rural. Os dados do Censo (2010) indicam que 73% da população deste concelho reside no meio rural. Somente 27% vive no meio urbano.

A leitura desses dados nos leva à conclusão de que a maior parte das actividades económicas desenvolvidas neste concelho pertencem ao sector primário. As informações disponíveis no referido Censo anunciam que 42,7% da população deste concelho dedica-se à agricultura, à criação de gado, à pesca e à produção de grogues, todas elas destinadas à subsistência da família.

A agricultura de sequeiro e a criação de pequenos animais em casa ocupam a maioria das famílias nas comunidades rurais caboverdianas e como é natural, Pilão Cão não foge à regra. De acordo com o Plano de Desenvolvimento Urbano de Pilão Cão (PDU-PC), elaborado pela Camara Municipal desse concelho em 2007, ainda que se verifique o aumento de pessoas a dedicarem-se ao pequeno comércio e à prestação de outros serviços, a agricultura de sequeiro e a criação de animais são as actividades que mais contribuíram e ainda contribuem para a receita familiar em Pilão Cão. Apesar disso, esta é apenas um meio de subsistência para as famílias, tendo em conta o reduzido tamanho das parcelas cultivadas pelos diferentes agricultores (0,2 a 1 ha) e a baixa produção causada pela irregularidade das chuvas. (PDU-PC, 2007).

Durante a minha estadia em Pilão Cão pude observar a presença diária das famílias a trabalhar no campo, incluindo crianças, a partir de seis anos de idade. Pelo que observei, penso que a forma como os pais estão se envolvendo as crianças nessas tarefas merecem alguns questionamentos.

A agricultura de sequeiro é praticada em fases sequenciais e distintas que são a sementeira, a monda, a remonda e a tresmonta. Em qualquer uma dessas fases os homens, as mulheres e as crianças, trabalham de uma forma conjunta com excepção à sementeira. Geralmente nesta fase, os homens fazem as covas com as enxadas e as mulheres e as crianças fazem a sementeira do milho e feijões. Caso não houver homem ou se forem em número insuficiente são as mulheres que cavam sozinhas ou juntamente com os homens.

Figura 3- Uma família praticando a sementeira de milho e feijões



Fonte: Registada pela autora

Relativamente à criação de animais em casa, nesta localidade, também verifiquei que se trata de uma actividade exclusivamente das mulheres e crianças. Caso exista homem em casa este pode “ajudar”, segundo a expressão utilizada pelas minhas informantes, a cuidar dos animais maiores, como o boi e a vaca.

Como já tinha referido, a actividade agrícola de sequeiro e a criação de pequenos animais em casa não têm dado rendimentos que garantam a subsistência das famílias, devido às características do nosso clima e ao modo tradicional como estas actividades são praticadas. Neste sentido, as migrações para as zonas urbanas, inter-ilhas ou para o exterior têm sido usado como estratégias das famílias, principalmente dos homens para garantir a sustentabilidade das famílias e conseguir dinheiro para fazer possíveis investimentos. Esta pode proporcionar um salário fixo e seguro, sobretudo quando todos

os elementos da família dependem apenas das actividades agrícolas e da criação de animais.

Na minha opinião, este facto pode explicar a fraca participação dos homens em comparação com o número das mulheres e das crianças a dedicar-se a estas actividades em Pilão Cão. Durante o período da sementeira e da monda (período correspondente ao meu trabalho de campo) observei que diariamente, as mulheres levantavam-se bem cedo, preparavam o pequeno-almoço, cuidavam dos animais e saíam juntamente com as crianças, de balaios à cabeça e enxadas na mão para trabalhar o campo.

Alguns homens (tanto os jovens como os chefes de família) iam para o campo mesmo antes das mulheres e começavam o trabalho¹¹, sobretudo se o terreno estiver húmido. Mas outros saíam para outros tipos de trabalhos, isto é, trabalhos remunerados nas construções civis ou no “jornal¹²”. Outros circulavam nas estradas em grupos durante o dia ou sentavam-se à beira das tabernas divertindo-se e consumindo bebidas alcoólicas.

Esta presença e consumo de bebidas alcoólicas nas tabernas têm prejudicado e muito os jovens rapazes e os homens chefes de família que se deixaram levar pelo alcoolismo, sendo este um problema social visível e reconhecido pela população desta comunidade.

Em Pilão Cão existem duas associações de cariz social que têm promovido actividades consideradas importantes para esta população. A Associação Jovem Unidos de Pilão Cão (AJUPIC) é uma associação criada em 2010. Segundo a presidente a sua fundação deve-se ao aumento do consumo do álcool e outras drogas ilícitas nesta comunidade. Deste modo um dos principais objectivos da sua criação é o de consciencializar os jovens através da formação e informação sobre os males sociais provocados pelo consumo de drogas, e promover acções de integração dos mesmos nos assuntos sociais da zona. Neste âmbito, diz a presidente que já realizaram várias actividades como palestras, feiras de saúde, angariação de fundos para ajudar os mais carenciados, jornadas de reflexão, campanhas de limpeza entre outras.

¹¹ Há uma tradição de serem os homens a iniciar o trabalho no campo por serem considerados os donos da propriedade.

¹² Trabalhos feitos nos campos de um proprietário que paga no final do dia. Cada homem recebia mil escudos por dia. A mulher recebia setecentos escudos pelo mesmo período de tempo.

Também existe uma outra associação, Associação dos Filhos e Amigos de Pilão Cão (AFAP) criada em 2006 que tem desencadeado acções importantes na construção e reabilitações de casas de famílias carenciadas, sobretudo as que são chefiadas por mulheres. Ainda esta associação tem apoiado com propinas e transportes escolares aos estudantes filhos de pais com rendimento económico muito baixo.

Apesar de algumas contradições, esta comunidade é destacada, a nível do concelho, pelo número de quadros e de altas personalidades nascidas ali e que estão espalhadas pelas ilhas. Os pais e as mães residentes nesta comunidade têm estado a apostar e continuam apostando na escolarização dos seus filhos.

A emigração masculina, neste caso dos pais/chefes de família, tem contribuído e muito para a escolarização dos filhos em Pilão Cão. Conforme as minhas informantes a escolarização dos filhos faz parte do projecto de emigração dos seus maridos/companheiros, por isso uma parte das remessas enviadas é canalizada para as despesas escolares, sobretudo se os filhos têm de continuar os estudos na cidade da Praia ou no estrangeiro. Convém lembrar que nem todos os pais reúnem condições para custear os estudos dos filhos. Os filhos de emigrantes sim. Muitos conseguiram ter um emprego e melhorar de vida, graças aos estudos.

Esta estratégia usada pelos pais emigrantes¹³ faz com que actualmente a emigração seja pouco expressiva nesta comunidade se compararmos com outras zonas vizinhas como é o caso de Espinho Branco e Mato Correia.

Portanto em Pilão Cão, a tendência para a saída dos jovens para estrangeiro é muito reduzida o que na minha opinião também pode explicar o alto nível de alcoolismo nos jovens, isto é, aqueles que não conseguiram triunfar nos estudos tendem a alcoolizar-se por não terem tantas alternativas. Como já foi dito, aqui a agricultura de sequeiro e criação de gado são as principais ocupações das pessoas em Pilão Cão.

¹³ A estratégia é emigrar sozinho deixando a esposa/companheira e os filhos no país.

2.3 – O termo “mulher de emigrante”: seu uso e significado

Em Pilão Cão as mulheres cujos maridos/companheiros emigram são normalmente designadas de “mulher de emigrante”. Entretanto as questões relativas à percepção e ao uso deste termo revelaram visões heterogêneas, e às vezes contraditórias, dependendo das diferentes opiniões das pessoas e da própria mulher que vive na situação de “mulher de emigrante”.

Antes de desenvolver qualquer reflexão alusiva ao termo “mulher de emigrante” gostaria de dizer que este é um termo social que apesar de familiar, tem um uso carregado de significados sociais e também demonstra as relações de género. Scott (2010) analisando a condição da mulher no contexto da família tradicional em Santa Catarina – Brasil, diz que as mulheres que foram socializadas nos padrões tradicionais são mais submissas em comparação com aquelas que pertencem a nova geração. Para este autor as mulheres por tradição não tinham uma identidade autónoma dentro do espaço familiar. Quando solteiras eram conhecidas como “filhas de” e normalmente se encontram sob a vigilância dos pais, se casada ou vivendo em união de facto são chamadas de “mulher de”, isto é, uma condição civil submissa em que a presença do elemento masculino se afigura como a garantia da reputação feminina (SCOTT et al., 2010 p. 373).

O termo “mulher de emigrante” é frequentemente utilizado nesta localidade para referir as mulheres com a situação económica e financeira favorável, proporcionada pelo envio de remessas por parte dos maridos/companheiros que vivem no estrangeiro. Portanto, ainda que o uso deste termo não seja necessariamente estigmatizante, o seu emprego não esconde a visão tradicional construída sobre a mulher como subalterna e dependente do marido/companheiro. Outrossim, o uso deste termo anula todo o trabalho e as estratégias que a mulher desenvolve na ausência dos cônjuges para a concretização do projecto familiar (a ser desenvolvido no III capítulo deste trabalho).

Na prática, verifica-se que esta ideia construída sobre essas mulheres centra-se nos aspectos meramente económicos, por isso, restrito a uma pequena parte das “mulheres de emigrantes” nesta comunidade, porque, muitas delas não conseguiram ascender social e economicamente com a saída dos seus maridos/companheiros. Além disso, não

correspondem exactamente à noção que as minhas informantes principais constroem sobre si.

Embora haja várias outras causas intervenientes que não são incluídos na definição acima, em Cabo Verde, mais especificamente nas zonas rurais do interior da ilha de Santiago, é comum as “mulheres de emigrantes” apresentarem boas condições económicas e financeiras em comparação com as mulheres cujos maridos/companheiros nunca emigraram para o estrangeiro. Também essa diferenciação é muitas vezes notada, entre as próprias “mulheres de emigrantes”, atendendo a diversos factores, entre os quais o país onde o marido/companheiro se encontra.

Tal facto é evidenciado pelo consumo de determinados bens, materiais e simbólicos por parte das mulheres e das famílias que ficam como menciona Furtado (1993).

No campo, a diferenciação social entre as famílias dos emigrantes expressa-se através da ostentação e do luxo. A construção ou reconstrução de casas com materiais antes pouco utilizadas no campo, com novas formas arquitectónicas, nova distribuição do espaço doméstico, nomeadamente a divisão entre sala-de-estar, um maior número de cómodos, móveis novos e de maior valor, aquisição de carros de passeio, jóias, participação de em actividades sociais importantes, como baptizados, casamentos, mostram a diferenciação interna entre os emigrantes e a influência e o prestígio e o prestígio que tem junto da comunidade (FURTADO, 1993, p. 145).

Na minha opinião esta ideia construída sobre “mulheres de emigrante”, isto é, mulheres possuidoras de bens económicos e simbólicos constitui um dos grandes motivos da conservação e manutenção da união conjugal apesar de separação física dos casais e também pode ser o motivo do desejo manifestado por algumas raparigas e as respectivas famílias desta localidade, sobretudo aquelas que não conseguiram triunfar nos estudos, em casar ou viver em união de facto com marido/companheiro no estrangeiro.

Por exemplo, em Pilão Cão a notícia de que uma moça vai se casar ou que “saiu de casa” com um emigrante é motivo de satisfação por parte dos familiares da moça e mesmo da comunidade em geral. Tudo porque há uma cultura de supervalorização da parte económica numa relação, em vez da relação a dois. A emigração tem sido para várias famílias desta localidade uma das formas de melhorar a situação económica do emigrante e da família que fica. Daí que ter o marido/companheiro no estrangeiro pode significar uma garantia da sustentabilidade económica da mulher e dos filhos, também

pode ser uma das formas de se livrar de ser mãe solteira correndo o risco de criar os filhos sozinha. O depoimento de uma das minhas informantes esclarece um pouco esta ideia.

Homens daqui? Muitos não servem. Primeiro eles não casam, e nem querem responsabilidades, mas mulheres querem mais do que uma. Depois muitos não têm um trabalho fixo para sustentar a mulher e os filhos. Se é empregado procura aquela que tem um emprego também. Com “azágua¹⁴” não se conta muito, as vezes sim as vezes não.

Os emigrantes sim, se tem juízo trabalham no estrangeiro e conseguem sustentar a família sem problemas porque estrangeiro é sempre melhor que aqui. Eu quando conheci o meu companheiro ainda estava um pouco criança mas não resisti. Ele era muito bonito e “bazofão¹⁵” e tinha um carrão... Sai de casa com ele num período de uma semana após nos conhecermos. Também até agora ele não me faltou com nada. Tenho casas, carro, dinheiro e ele vem todos os anos graças a Deus. (D.A., 29 anos)

Ser esposa/companheira de emigrante foi desde outrora visto como prestígio social para as raparigas desta comunidade. Nota-se que algumas “mulheres de emigrantes”, aquelas que conseguiram uma mobilidade ascendente na emigração, de entre outros bens, possuem boas casas para morar, carros de frete e/ou de passeio, jóias de ouro, vestuários de marcas tipicamente estrangeira etc. O uso de jóias e roupas novas deve ser reforçado sobretudo no período correspondente à visita do marido/companheiro o que pode significar sucesso na emigração, alegria e bem-estar da mulher com a sua visita.

S.J.J., um dos moradores de 76 anos de idade com o qual conversei ajuda-nos a entender este facto. Afirmou que quando um homem emigra e deixa a sua mulher no país, reconhece-se pela aparência da mulher se ele envia dinheiro ou não. Explicou que, se uma “mulher de emigrante” não possuir pelo menos, boas jóias para usar quando sai, apercebe-se logo de que algo não vai bem. Isto é, pode ser que o marido tenha arranjado uma outra família no estrangeiro e esqueceu da mulher e dos filhos que ficaram, ou pode significar que ele não conseguiu êxito na emigração. Segundo este informante “mulher de emigrante” ali no interior, que na verdade conseguiu ascender-se economicamente com emigração do marido/companheiro é identificada de longe, principalmente quando vai a uma missa, a uma visita ou a qualquer outro lugar. Elas tendem a usar aquelas jóias caras e bonitas, e tendem a usar roupas do estrangeiro.

¹⁴ Período que correspondente a época de chuvas em Cabo Verde. Normalmente inicia no mês de julho e termina em setembro.

¹⁵ Neste caso refere-se a pessoa bem apresentada em termos de vestuários.

Entretanto existem aquelas que formulam outra opinião acerca delas. D.N., umas das moradoras de 32 anos comentou que ela não queria estar “na pele de uma mulher de emigrante nem por um ano”, justificando que ela não quer ter um companheiro para passar quase toda a sua juventude longe dele. De acordo com a sua opinião “mulheres de emigrante são mulheres sem vida” por considerar que elas têm uma vida sexual muito limitada.

Relativamente a mulheres cujos maridos emigram, algumas também recorrem a critérios económicos para fazerem a distinção. Recordo a opinião de uma das minhas entrevistadas que ao tocarmos neste assunto disse: “ Eu, não sou mulher de emigrante. Mulher de emigrante são as que possuem tudo (casa, carro, dinheiro...). Eu só carrego as desgraças da emigração”.

Entretanto, em todas elas permanecem o desejo de estar junto ao marido/companheiro, desejo esse que muitas vezes se mistura com saudades, arrependimento, angústia e o medo de serem trocadas por um novo relacionamento no estrangeiro. Segundo as suas declarações o grande vazio emocional marcado por esta ausência torna-se inevitável, mesmo para aquelas que recebem visitas com mais frequência.

A ausência física do marido/companheiro impossibilita-as de viver de acordo com os preceitos que os unem. Giddens (2006) referindo-se as famílias chinesas e aos casamentos por elas contraídas, diz que nas zonas rurais o casamento durante muito tempo tinha um carácter tradicional cuja função era meramente económica. Neste contexto, as mulheres eram vistas como propriedade dos maridos e lhes eram exigidas a constância e fidelidade aos mesmos. Entretanto, hoje em dia existe uma tendência contrária, sobretudo se falarmos das zonas mais urbanizadas ou então dos países europeus e dos Estados Unidos. Segundo este autor, actualmente os casais, casados ou não, tendem a unir-se em função do amor ou então amor mais a atracção sexual (GIDDENS, 2006, p.63).

Partindo das suas experiências, do estado emocional em que vivem, dos papéis sociais atribuídos ao homem e à mulher, elas desenvolvem um outro significado de “mulher de emigrante” que se opõe ao dever social de uma mulher relativamente ao marido /companheiro. Uma das minhas informantes disse:

Nós, as mulheres de emigrante só ficamos com o nome. Na verdade estamos aqui para cuidar das nossas vidas, dos nossos filhos e para guardar os bens do nosso homem. Mas quanto à convivência, carrinho essas coisas são muito poucos Temos homem e somos comprometidas mas é totalmente diferente daquelas que tem o seu homem dentro de casa. Nós não estamos a desempenhar a função de mulher como aquelas que cozinham, que lavam a roupa para o seu homem que convivem diariamente com ele. E nós, o quê que fazemos para o nosso homem? Estamos aqui ele pode estar com uma outra. (D.E.U.,54 anos)

Este depoimento, assim como outros revelados pelas mulheres que vivem na condição de “mulher de emigrante” e que se consideram “mulher incompleta”, “viúva de lenço branco”, “mulher comprometida com Deus” mostram que essas mulheres constroem uma outra noção de si, que se adapta à realidade em que vivem.

Hall (2006) analisa a questão da identidade cultural na pós-modernidade e diz que a identidade não é fixa, mas sim provisória. Ela acompanha as mudanças que afectam a própria estrutura social. Tais transformações algumas vezes podem-nos trazer a sensação de perda de um "sentido de si" que se constitui a chamada "crise de identidade" para o indivíduo, ou seja a mudança daquilo que se pensa como fixo

A meu ver a noção que elas constroem sobre si mostra a alteração dos papéis sociais atribuídos às mulheres, mas também apontam para a mudança de identidade dessas mulheres: quando viviam com os seus maridos/companheiros, construíram uma identidade à volta da qual desempenhavam determinados papéis sociais que lhes são atribuídas (cozinhar, lavar a roupa etc. como citado do depoimento anterior). Com a saída do marido elas tendem a adaptar-se a uma nova realidade e a criar uma nova identidade, cujo papel social contraria o desempenhado anterior. Por exemplo, na declaração referida pela informante acima, ela entende ser “guarda” dos bens do marido em vez de desempenhar funções de uma esposa/companheira e outras funções sociais atribuídas a uma mulher relativamente ao seu marido/companheiro.

Resumidamente, digo que a agricultura de sequeiro e a criação de gado são as duas principais actividades económicas desenvolvidas pelas famílias em Pilão Cão. Entretanto por serem trabalhos de fraco rendimento, que não responde a todas as necessidades da família, muitos homens chefes de família deixaram as suas esposas/companheiras com os restantes familiares no país e foram procurar na emigração meios para melhorar a situação económica da família.

As mulheres que ficam são denominadas de “mulheres de emigrante” um termo cujo significado revela uma certa complexidade. Por um lado é visto como um prestígio social, por isso algo desejado, e por outro retrata uma experiência que requer um certo sacrifício, isto é, há quem não quer passar por esta rotina.

No capítulo seguinte irei abordar o papel que a mulher tem desempenhado na ausência dos seus cônjuges, Tais papéis indicam a concepção universalizante da mulher como sendo um sujeito “frágil”, “passivo” e “pendente”, etc. não condizem com a diversidade de mulheres existente. Isso quer dizer que esta ideia está sendo superada paulatinamente.

CAPÍTULO III – RELAÇÃO DE GÊNERO, E DINÂMICA FAMILIAR NO CONTEXTO DA EMIGRAÇÃO EM PILÃO CÃO

Em Pilão Cão, normalmente os maridos/companheiros emigraram e as mulheres ficam. Todavia, elas não ficam fora do contexto da emigração dos seus cônjuges. Por um lado, elas desenvolvem um papel activo, tomando conta dos bens e da família que fica contribuindo para o sucesso da emigração. Por outro lado, elas passam a viver uma relação conjugal à distância, podendo em alguns casos serem abandonadas. Neste capítulo irei analisar a situação da mulher que fica, relativamente ao papel que desempenha na família e ao seu contributo para o sucesso da emigração do seu cônjuge bem como a sua posição no caso de seu abandono.

3.1 – Os homens emigram e as mulheres ficam

Assim como se observa em outras comunidades caboverdianas (rurais e urbanas), em Pilão Cão é notável o esforço e o contributo das mulheres em todas as áreas e sectores de actividade. Entretanto, a divisão social entre os sexos é um forte marcador nesta sociedade.

Conforme Bourdieu (2002) a divisão social de trabalho parece estar na ordem das coisas pelo que se manifesta como natural e inevitável. Diz ainda que ela está objectivada nas coisas, no mundo social, e incorporada nos corpos e *habitus*, funcionando como um sistema percepção, pensamento, e acção. O autor explica que isso tem a ver com a existência de concordância entre estruturas cognitivas que nos levam a apreender o mundo social em suas divisões arbitrárias entre os sexos a começar pela construção social entre os sexos como naturais e evidentes, adquirindo assim um reconhecimento legítimo. (BOURDIEU, 2002, p. 11).

Com isto quero dizer que em Pilão Cão a divisão sexual é legitimada e reproduzida na prática e sobretudo nos discursos. Na verdade durante a minha estadia no campo observei que existe uma dualidade entre o homem e mulher, no que diz respeito aos espaços ocupados, à função e aos deveres. Por exemplo, as mulheres que convivem com os seus maridos dizem ocupar-se mais dos espaços domésticos e da família aos trabalhos ditos “mais leves.” São elas quem cuidam da casa e da família, dos animais mais pequenos e dos trabalhos agrícolas (as sementeiras, as mondas assim como a

preparação e conservação dos produtos¹⁶) etc. Enquanto os homens, naturalmente vistos como os provedores da família, ocupam-se dos trabalhos fora de casa e normalmente as remuneráveis. Porém, existem muitas ressalvas e contradições.

As mulheres com quem trabalhei estão obrigadas a desempenhar os papéis considerados de homem e de mulher ao mesmo tempo. Aliás, o estudo de Cardoso (2009) feito com as “fornadjeiras” em Principal questiona em termos da ocupação e da divisão de trabalho nos espaços públicos e privados no meio rural.

No que respeita à migração quer para o estrangeiro, quer inter-ilhas, ou mesmo para os centros urbanos, existiu e continua existindo dualidade na divisão sexual de trabalho. Embora se observa a saída de mulheres, a emigração dos homens foi e ainda é sempre mais expressiva nesta localidade. As pessoas desta comunidade, especificamente os homens chefes de famílias vêm na emigração uma saída para melhorar as condições económicas deles e da sua família que fica, uma vez que, o desemprego ainda afecta a maior parte desta população, sobretudo na época da seca.

As informações recolhidas junto aos moradores de Pilão Cão dão conta de que ali a emigração teve início antes da fome dos anos 40. As mesmas informantes alegaram que a fome, a seca e os maus anos agrícolas têm sido os principais motivos da saída dos homens desta localidade, tanto para o estrangeiro, como para outras ilhas ou outros centros urbanos. Fui informada, por exemplo, de que na fome dos anos 40, sobretudo na de 47, muitas famílias desta localidade passaram meses e até anos na cidade da Praia, no entanto a maioria voltou com o passar da fome. Mas conforme as informações recolhidas nem todas as deslocações feitas nesta localidade têm a ver com a fome ou mesmo com os maus anos agrícolas, têm a ver sim com a melhoria das condições económicas das famílias e com a busca de um trabalho fixo e remunerado, que sirva como um complemento aos trabalhos agrícolas.

D.NH uma moradora de 90 anos que também emigrara para São Tomé e Príncipe nos anos 50, diz que nos anos 40 (antes de fome de 1947) emigraram cerca de oito homens chefes de famílias desta comunidade com destino aos Estados Unidos da América a

¹⁶ Nesses trabalhos incluem recolha de milhos de feijão, a descasca, a debulha e o enchimento nos bidões.

procura de trabalho remunerado, porque corria notícias de que ali havia muito trabalho e que podiam ganhar muito dinheiro. Afirmou que na altura vários homens chefes de famílias queriam emigrar, mas nem todos conseguiam¹⁷, porque além do dinheiro da passagem só poderiam ir aqueles que sabiam soletrar correctamente os seus nomes e o nome do lugar onde moravam.

Entretanto diz ela que nos anos 50 e 60 houve um aumento significativo do número de emigrantes em Pilão Cão. Desta vez o país de destino foi Angola e sobretudo São Tomé e Príncipe para onde passaram a emigrar não apenas os homens chefe de família, mas também algumas mulheres e crianças, esposa e filhos que acompanhavam o chefe da família. Diz ela que se tratava de uma emigração do “tipo familiar” e que era feita mediante um contrato de trabalho com a duração máxima de três anos que poderiam ser renovados. A mesma diz ainda que o objectivo da ida da família toda era de trabalhar e juntos economizarem dinheiro para retornar ao país em menos tempo possível, a fim de realizar alguns sonhos das quais destaca a construção da casa própria. Entretanto nem todas conseguiram alcançar os objectivos. Conforme a sua estimativa cerca de metade das famílias que emigraram não conseguiram regressar ao país.

Ela continuou dizendo que nos anos 70 a 80 foi o ano onde se regista o maior número de emigrantes em Pilão Cão. Eram essencialmente homens chefes de famílias e alguns rapazes com idade superior a 18 anos. A Europa era o continente mais procurado e Portugal foi o país para onde se dirigiu a maior parte destes emigrantes. Referiu que a emigração era tão expressiva que em todas as zonas que constituíam esta comunidade se sentia a necessidade da presença masculina, sobretudo nas famílias recém-formadas. Num tom triste disse:

Em média havia um homem em cada cutelo¹⁸. Homens esses que na maioria eram maduros (50 anos ou mais) e eram eles quem normalmente ficavam encarregues de vigiar e apoiar as mulheres e os filhos que aqui ficavam. Eles tinham o direito de ouvir a leitura das cartas que vinham e de assistir à escrita das mesmas quando respondidas. Também controlavam as remessas enviadas e eram eles, em sintonia com o marido/companheiro emigrado, que decidiam

¹⁷ Ela contou-me de um senhor (já falecido) que na altura se candidatou para a emigração para Estados Unidos e que não conseguiu porque soletrou o seu nome e a sua morada desta maneira: D O – DO; C T O R – TOR morada Três Penedo Gémeas ou seja conseguiu soletrar o seu nome correctamente que era Doctor mas não conseguiu soletrar a sua morada (disse tudo de uma só vez), por isso ficou.

¹⁸ Designação dada as pequenas povoações que constituem uma comunidade do interior da ilha de Santiago. Normalmente localizadas situadas numa pequena elevação.

o que fazer com o dinheiro para que não fosse gasto de uma forma descontrolada pela mulher (D.NH., 90 anos).

Um outro morador, S.M. de 52 anos, também falou-me um pouco da emigração inter-ilhas feitas ali a qual também tomou parte. Diz que no ano 1987 viajaram vários homens chefes e alguns jovens rapazes (acompanhando os pais ou os tios) para as ilhas de Boa Vista e Maio para confeccionar e vender paralelos¹⁹, uma vez que, na altura havia muita procura deste material nestas ilhas para a construção de estradas públicas. Referiu igualmente aos anos 2000 a 2005 como sendo marcantes por terem saído desta localidade muitos jovens solteiros e chefes de família sobretudo para ilha do Sal em busca de trabalho.

Portanto, o que se verifica nesta comunidade e que outros estudos já demonstram²⁰ em outras comunidades rurais da ilha de Santiago é que ainda conserva-se essa tendência tradicional para emigração, isto é, cabe aos homens seja ele pai, filho, ou irmão, a decisão de emigrar desde que esteja em idade de trabalhar.

As mulheres por sua vez podem também emigrar sozinhas ou com a família, mas em situações específicas. Segundo os moradores desta localidade, ali verifica-se a saída de mulheres se o motivo for negócios, férias, doença (dela ou dos filhos), estudos, ou por questões de reagrupamento familiar. Regista-se ainda saída de mulheres solteiras e mães chefes de família, que não tendo um companheiro/pai de filho que lhe possa ajudar no sustento da casa e nas despesas com a educação dos filhos vai à procura de uma nova vida. O que não se verifica, segundo os moradores, são casos da emigração da mulher para se fixar e trabalhar no estrangeiro, ficando o marido/companheiro a cuidar dos filhos e ali. Em suas declarações D.M., uma das minhas principais informantes disse:

Embarcação? Embarcação para trabalhar e sustentar a família que fica é dever dos homens e não da mulher. Uma mulher solteira criando filhos sozinha também pode. Vai à procurar, de uma nova vida e pode até encontrar um homem e casar. Ah sim! A mulher pode embarcar e deixar o homem aqui, mas só se for por motivo da doença dela ou do filho ou se for *rabidante*²¹ quer comprar ou vender no exterior ou na ilha ou pode ir tirar curso ou passar férias fora... Mas, para procurar a vida enquanto o marido fica com os filhos... Aqui em Pilão Cão não conheço este caso. Na minha opinião isto só acontece com homens que na verdade não o são porque hoje em dia há muitos homens que só usam calças, mas não tem serventia. (D.M., 46 anos).

¹⁹ Pedras com características basálticas feitas com martelos dando-lhes forma rectangular ou quadrangular, vendidas aos responsáveis das obras nas estradas e utilizadas no calçamento das vias públicas.

²⁰ Neste caso estou a referir-me aos estudos de Cláudio Furtado (1993) e aos da Carla Cardoso (2009)

²¹ Termo utilizado para se referir a um comerciante ambulante.

D.DC. de 24 anos é a única filha que se encontra aqui em Cabo Verde. Os seus seis irmãos incluindo os dois mais novos do que ela, estão todos embarcados. Disse que ficou porque ela era a única filha, por isso a companheira da mãe. Entretanto, actualmente constituiu a sua família e lamenta o facto de não poder também ter emigrado porque, talvez poderia ter uma vida melhor e diferente do que tem.

A propensão pela emigração masculina, sobretudo a dos homens chefes de família acima descrita tem produzido efeitos directos ou indirectos no cumprimento de papéis sociais atribuídos ao homem à mulher. No próximo ponto iremos tratar este assunto com mais pormenores.

3.2. - O papel das mulheres que ficam na concretização do projecto da emigração dos seus cônjuges

As mulheres que fazem parte desta investigação, cujos maridos/companheiros emigraram, apresentam duas situações diferentes: umas já tinham convivido com os seus maridos/companheiros antes de emigrarem o que constitui a maioria das entrevistadas; outra, um único caso iniciou a conjugalidade já estando o marido na emigração. Esta alegou que por uma questão opcional e mesmo de prestígio aceitou viver na condição de “mulher de emigrante”.

Entretanto, num caso ou no outro as mulheres declaram a existência de certos propósitos a serem alcançados com a emigração dos cônjuges. A construção ou a reconstrução da casa para morar, boas condições financeiras que possam satisfazer as necessidades da casa e custear as despesas escolares dos filhos e mesmo reunir a família no estrangeiro são as metas mais referidas pelas mulheres entrevistadas.

Figura 4 – Uma casa de emigrante em Pilão Cão



Fonte: Registada pela autora

As que disseram ter convivido com os seus cônjuges antes de estes terem emigrados confessaram que, apesar de distância ser penosa, elas mesmas tomaram parte no projecto e na decisão da emigração dos seus cônjuges, porque esta figurava uma oportunidade para melhorar as condições económicas da família. É o caso de D.M., casada, cujo marido emigrou há cerca de 20 anos, acrescentando os oito anos de emigração inter-ilhas. Disse que o marido trabalhava nas Frentes de Alta Intensidade de Mão-de-obra (FAIMO) como pedreiro e que ganhava cinco mil escudos por mês. Contou que com esse dinheiro comprava uma lata de banha, dois sacos de “milho mole” e o resto era comprado a retalho. Contou ainda que esforçava-se muito para poupar algum dinheiro, para casos de doença, por exemplo. Realçou que esse esforço era fundamental porque esta constituía uma das características de uma “boa mulher”. Afirmou ainda que na altura já tinham construído um quarto, mas com o dinheiro que o marido ganhava não conseguiam cobrir a casa. Para isso, tiveram que vender uma vaca que os pais dela lhes haviam oferecido por ocasião do casamento. Para ela, a emigração contribuiu para melhorar o seu nível económico e o de sua família. Em jeito de brincadeira enfatizou: “Que Deus abençoe a emigração, porque se não fosse ela eu e muitas outras famílias de emigrantes que aqui estão, não tínhamos como melhorar a vida em Cabo Verde”.

Embora não escondam que passaram por algumas dificuldades por causa da ausência dos cônjuges, essas e outras declarações proferidas pelas minhas entrevistadas mostraram a importância da emigração nas suas vidas e na das suas famílias. Por isso, preferem que os maridos/companheiros continuem na emigração pelo menos até se aposentarem, período a partir do qual os emigrantes voltam definitivamente para viver com a família, ganhando uma reforma mensal. Disseram ainda que apesar dos esforços que fazem no dia-a-dia é sempre necessário contar com um salário fixo do marido/companheiro no estrangeiro.

Em Pilão Cão, quando um homem emigra para o exterior, passado um determinado período de tempo, as pessoas criam expectativas sobre a mulher que fica. Espera-se que ela atinja um nível económico bom, através dos investimentos feitos com as remessas enviadas pelo marido/companheiro e que isso as diferencie das outras esposas/companheiras que vivem diariamente com os seus maridos/companheiros no país. Caso contrário estas e as suas famílias podem ser motivos de comentários por parte das pessoas o que pode traduzir-se em humilhação, vergonha social e perda de prestígio, tanto para elas como para os respectivos maridos/companheiros e seus familiares.

A esse respeito a D.AA., de 54 anos, diz ter perdido o marido na emigração cerca de três meses após o seu casamento. Ainda que o marido continuasse vivo ela já não tem mais esperanças de um reencontro, uma vez que já lá vão vinte e nove anos sem receber uma visita dele. Diz que foi o seu pai, também emigrante em Portugal, quem “mandou buscar” o seu marido como forma de ajudá-los a melhorar a vida. Pois, viviam na casa dos pais do marido que, segundo ela, era pequena para tanta gente. Diz que o seu marido foi e começou a descuidar-se logo no ano seguinte. Para reduzir a sua tristeza e para evitar que alguém desse conta do seu abandono, e ainda na esperança de que a situação pudesse melhorar, o seu pai enviava-lhe dinheiro e outras encomendas juntamente com as que chegavam para sua mãe e seus irmãos que ainda não se tinham casado. Mas conta que passado algum tempo não conseguiram manter o segredo. Diz que para ela foi duro resistir ao abandono e aos comentários sobre a sua vida e a do seu marido.

Durante o meu trabalho de campo verifiquei que as mulheres que ficam contribuem e muito para que os projectos da emigração dos seus cônjuges sejam concretizados. Além

de cuidar dos filhos, de tomar conta da casa e outros bens, de servir como um elo de ligação entre o marido e os demais familiares, elas trabalham na agricultura, criam animais e recorrem a outras estratégias para facilitar os investimentos proporcionados pelas remessas enviadas.

D.A.G., mãe de dois filhos, de 36 anos, actualmente divorciada²², diz ter vivido cerca de dois anos com o seu marido na casa dos pais dele. O marido trabalhava num hiaze de um dos seus familiares como condutor, e segundo ela ganhava uma quantia que dava para desenrascar no dia-a-dia juntamente com a agricultura e criação de animais que ela fazia. O marido optou pela emigração porque sempre teve essa vontade. Também porque queria ter a sua própria viatura, uma boa casa para si e os filhos e queria que os filhos estudassem em universidades fora do país. Assegurou que o marido já vive no estrangeiro há 14 anos e que só recebeu uma visita, 12 anos após a sua partida. Tudo por causa das dificuldades que teve para a legalização dos documentos. Ela reconhece a importância do seu trabalho na realização de alguns dos objectivos traçados antes da emigração do marido. Muito animada disse-me numa das suas declarações:

Para ter o que tenho hoje, não dependi só do esforço do meu marido e do seu dinheiro. É preciso muito juízo e muito trabalho da minha parte. Eu aqui não fico sentada à espera do dinheiro dele. Trabalho as azáguas juntamente com os meus filhos, faço criação de animais. Não compro milho e nem feijão, não compro ovos nem leite, carne às vezes. Açúcar, arroz essas coisas mais baratas às vezes troco com ovos. Veja, com cinco ovos compro um quilo de açúcar. De vez em quando pego num animal, vendo e compro as coisas de que preciso no dia-a-dia. Agora imagine se eu não fizesse nada e ficasse a espera só do dinheiro dele? (D.A.G., 36 anos).

O depoimento desta senhora, mostra que o produto dos trabalhos agrícolas e da criação dos animais têm como principal destino a alimentação do agregado familiar. A esse respeito Couto (2001) diz que para os santiaguenses a agricultura, sobretudo a de sequeiro tem sido utilizado como uma estratégia de subsistência da família, cujo principal objectivo é a minimização dos riscos do défice alimentar. Contrariamente diz o mesmo autor que a criação de animais tem uma finalidade comercial (COUTO, 2001).

²² Segundo ela tal divórcio decorreu da necessidade de um novo casamento do marido no estrangeiro, para a obtenção de documentos que permite a residência ou a saída temporária do mesmo. Por isso diz que ela é divorciada só no papel. Até então considera-se casada perante Deus e promete identificar-se como casada mesmo não voltando a casar-se no civil. Por isso ela sempre se refere a “meu marido” e não ex-marido.

Assim como D.AG., outras informantes minhas declararam que têm-se esforçado nos trabalhos, sobretudo na agricultura e na criação de animais no sentido de assegurar a subsistência da família, e assim sendo, as remessas ficam reservadas às construções e outros investimentos.

D.CL. mãe de quatro filhos salientou que antes da viagem do seu marido não se preocupava com a vida. Embora “ajudasse” o marido nos trabalhos agrícolas e criasse pequenos animais em casa, vivia de uma forma acomodada. Cuidava dos filhos que nasciam “um atrás do outro” e num curto período de tempo, fazia os trabalhos domésticos e não tinha muita ambição por dinheiro ou outros bens, e levava uma vida modesta. Com a viagem do seu marido para Portugal muita coisa mudou, segundo esclarece. Garantiu que aprendeu a batalhar sem parar, porque na sua casa não tinha mais ninguém para tomar a frente das coisas. Por isso mesmo disse que passou a considerar-se mulher e homem da casa ao mesmo tempo. Diz que tomou conta dos trabalhos agrícolas, criou e vendeu animais e tem procurado outras estratégias para satisfazer as necessidades básicas da sua família. Mas considera fundamental as remessas enviadas tanto para a remodelação da casa, como para a escolarização dos seus filhos, que já estão todos crescidos, e para a criação de um pequeno negócio em casa. Nas suas palavras podemos reconhecer alguns desses esforços:

A minha casa foi reconstruída com o dinheiro do meu marido após a sua viagem mas eu também não fiquei de braços cruzados. Pedras, areia, água e muitos outros materiais foram transportados em cima da minha cabeça. Trabalhei azáguas, criei animais e consigo dar de comer aos meus filhos. Agora já estão crescidos e dois deles já foram para Portugal. Foram para estudar mas só o segundo filho está a estudar, o primeiro está trabalhar. Eu aqui continuo a trabalhar azáguas, a criar os animais e desenrascar-me nessa taberna com os dois filhos que ainda estão aqui. Mas penso que daqui a um tempo iremos todos. O meu marido quer assim. (D.CL.,38 anos).

Além dos trabalhos agrícolas e da criação de animais, também apostam numa boa gestão e na poupança das remessas enviadas pelo marido/companheiro. Neste caso estou a referir o recurso ao trabalho de “djunta-mon”²³ mencionado pelas minhas entrevistadas, com vista a substituir o recrutamento de mão-de-obra remunerada, evitando assim a saída de dinheiro. Ainda incluem nesta estratégia, a forma como acumulam o dinheiro para poder fazer os investimentos necessários.

²³ Uma pessoa de uma determinada unidade de produção convida outra para trabalhar nos seus serviços agrícolas mediante contraprestação dos serviços - (Furtado,1993, p.118).

D.M. de 46 anos de idade, casada, mãe de quatro filhos, disse que ela sempre tenta arranjar formas de poupar dinheiro. Diz, por exemplo, que o trabalho de campo não é problema para ela e que não precisa de pagar a ninguém para cavar a terra, tarefa que antes era desempenhada pelo marido. Confirmou que ela mesma cava e faz todo o trabalho de “azágua” praticamente sozinha, com ajuda dos filhos e que se por acaso precisar de mais pessoas para esses trabalhos faz “djunta-mon”. Ela diz que o seu marido “trabalha cansado” no estrangeiro para ela estar aqui a gastar nas coisas desnecessárias. Acrescenta ainda que se fosse uma mulher esbanjadora não teria mudado de vida. Diz que nunca gasta todo o dinheiro que o seu marido lhe envia, guarda sempre uma parte da quantia. Junta aos poucos e aproveita para empregar em alguma coisa. Exemplifica que a casa dela foi construída aos poucos e com o dinheiro economizado, com um grande esforço feita. Diz que por isso o seu marido sempre lhe elogiou e considera-a como “uma mulher de cabeça”²⁴.

Nem todas as minhas entrevistadas conseguiram melhorar de vida com a emigração do marido/companheiro. Algumas confessaram terem sido deixadas pelos seus maridos/companheiros seja porque eles não foram bem-sucedidos na emigração ou porque arranjaram outra família no estrangeiro. Neste caso, elas tiveram que trabalhar e assumir o comando da família sozinha e como disse umas delas “faço de conta que ele está morto”.

Apesar de terem admitido passar por situação humilhante, elas disseram que conseguiram ultrapassar muitas dificuldades através do trabalho e do esforço que têm estado a fazer aqui. É o caso da D.L., de 45 anos. Casada há 27 anos viveu com o marido apenas oito anos. Este emigrou há 19 anos e deixou-a com três filhos menores para criar e uma que estava para nascer. Segundo ela, o plano inicial da emigração do seu marido era ter um emprego e um salário fixo e enviar dinheiro para construir uma casa própria porque ela morava com a sogra. Se tudo corresse bem poderiam também emigrar e viver todos juntos no estrangeiro porque este era o seu grande sonho. Disse que, se ela não tivesse casado tão cedo (aos 18 anos) poderia ter emigrado, porque o pai e os irmãos viviam no estrangeiro. Contou que o pai já sabia do seu mau aproveitamento na escola, por isso, tinha intenção de a levar. Conforme conta,

²⁴ Esta expressão significa mulher que sabe gerir muito bem o dinheiro que emprega nas despesas da casa e noutras despesas.

inicialmente o marido dava notícias e mandava “um dinheirinho”, mas passado um ano começou a desleixar-se. Já a partir do terceiro ano emigrado deixou de dar notícias e passou a ter informações dele através de pessoas conhecidas. O marido arranhou uma outra família no estrangeiro. Sem outra alternativa, conta que continuou trabalhando na agricultura e noutros trabalhos como FAIMO e “jornais” e apostou na criação dos animais de pequeno e grande porte. Diz que conseguiu sustentar a família, inclusive a própria sogra com quem ela morava. Com o dinheiro arrecadado da venda dos animais e outros trabalhos construiu a sua casa (dois quartos) na parte de trás da sua sogra. Com a ajuda dos seus irmãos no estrangeiro custeou as despesas escolares dos filhos até terminarem o ensino secundário (com excepção de uma filha que não conseguiu terminar os estudos secundários porque teve um filho e resolveu viver com o seu companheiro). Esclarece que actualmente o seu primeiro filho encontra-se em Portugal a estudar e que ainda pensa mandar o seu último filho de dezanove anos para o curso também. Referiu ter pago mais de duzentos contos para compra de um visto e emigrar mas que não conseguiu. Entretanto ainda não descarta a possibilidade de emigrar para conseguir realizar outros sonhos, apesar de confessar não ter tido tanta sorte nas tentativas que fez.

D.TT., casada de 59 anos diz ter sido abandonada pelo marido há mais de trinta anos. Para ela a emigração do marido foi uma das piores coisas que lhe aconteceu. Mas diz que felizmente conseguiu dar a volta e levar a sua vida para frente com os dois filhos. Dedicou-se à agricultura e a criação de animais, mas estas não constituíam a sua principal actividade económica. Explica que o seu ganha-pão reside na sua venda de vestuários e produtos alimentares, a qual se dedica há mais de vinte anos. A casa para ela não era a principal preocupação e nem, o motivo da saída do seu marido. Já tinham construído a casa antes da emigração do seu marido. Disse que era uma casa bem-feita e moderna, com vários quartos, pintada com desenhos bonitos e atraentes, e já na altura era uma das melhores casas da zona. Segundo esta informante, o marido emigrou porque era a sua vocação, mas não passava necessidades.

O marido emigrou para Portugal e, inicialmente, tudo correu bem. Passados quatro anos foi para Moçambique e conheceu uma mulher. Esqueceu-se dela e do resto da família que tem cá. Segundo ela o marido se identifica como um moçambicano e não como um cabo-verdiano. Ela disse que com os lucros do seu negócio conseguiu levar uma vida

normal e educar os dois filhos. Os dois já trabalham e já formaram a sua própria família. No entanto, disse que se tivesse ajuda do marido poderia até ter tido uma vida melhor, como imaginou no início da sua conjugalidade.

Todas as entrevistadas referidas demonstraram os seus esforços na concretização dos projectos da emigração e no desempenho de novo papel antes reservado ao marido. Algumas delas deixaram de ser a co-provedora para passar a ser a provedora da família.

Do que foi dito é de se ressaltar que ao contrário do que se pensa ou de que se diz, a mulher que fica desempenha um papel importante no processo da emigração do cônjuge. Tal papel vai além das responsabilidades para com os filhos. Caso o marido/companheiro envie remessas para ser investido ela também contribui, de uma forma muito activa. Desenvolve actividades e cria estratégias no sentido de assegurar a subsistência dela e dos filhos, faz poupança de dinheiro, através da prestação de vários serviços ou do recurso a mão-de-obra não remunerada, faz uma boa gerência do dinheiro etc. Tudo isso favorece a efectivação dos investimentos em Cabo Verde. Ainda verifica-se que a emigração masculina contribui para modificação dos papéis sociais atribuídos as mulheres e nas relações de género em Pilão Cão. A saída dos homens da família reforça o papel da mulher relativamente as tarefas considerada masculinas, conferindo-lhe, conseqüentemente, uma maior autonomia.

3.3. - Conjugalidade à distância e a questão da outra família

Como já foi dito ao longo deste trabalho, durante vários anos a emigração cabo-verdiana atingiu maioritariamente a camada masculina. Os que deixaram esposas/companheiras no país tiveram de conviver com a distância física entre eles. Contudo os efeitos provocados por essa distância podem ser minimizados através de visitas periódicas realizadas pelo cônjuge emigrado.

Apesar de algumas contradições à volta da conjugalidade à distância, existem motivos que fundamentam esse tipo de conjugalidade e que faz com que em muitos casos sejam vistos como privilégio para as esposas/companheiros que ficam. Tais motivos podem também explicar a concorrência entre as jovens (sobretudo as menos escolarizadas) de

Pilão Cão em casar ou viver em união de facto com emigrantes, embora seja algo que acontece de uma forma discreta.

Juliana Dias (2000) aponta alguns factores que podem contribuir para a conservação e manutenção da união conjugal entre o emigrante e a sua esposa que fica. Um deles tem a ver com a independência feminina. Neste caso o casamento com o emigrante pode ser vantajoso, uma vez que, proporciona às mulheres o prestígio de estar casada e em simultâneo a possibilidade de viver de uma forma autónoma, sem mediação diária do cônjuge. Um outro factor apontado por ela tem a ver com a compreensão da prática social e com o grande valor conferido nas transacções materiais. Em certos sectores da população há quem considere que a parte emocional, a convivência, e a relação face-a-face não são os únicos e nem os mais importantes dentro de uma relação matrimonial. A manutenção de uma rede de troca entre os emigrantes e os seus familiares aqui no país é a condição fundamental para a conservação da relação. Ela apresenta ainda o papel mediador que os familiares, especialmente os do marido, possam ter como sendo um outro factor que ajuda na manutenção da união com o emigrante (DIAS, 2000, p. 121 e 122).

Além desses factores, casar ou viver em união de facto com um emigrante é símbolo de prestígio, por se inserirem num tipo de sociedade que ultrapassa as fronteiras do estado, isto é, elas possuem a vantagem de participar da comunidade da diáspora mesmo sem lá estarem (DIAS, 2000, p. 117; FURTADO, 1993).

Por isso, casar ou viver em união de facto com um emigrante não é tão fácil, conforme as minhas informantes. Para tal, é preciso ter algumas qualidades que atraiam os familiares de emigrantes que residem aqui e ao emigrante também. Ser de boa família, trabalhadora e sobretudo possuir um bom comportamento, são algumas das qualidades exigidas. Este último factor é o mais observado pelo emigrante e seus familiares. Assim, disseram que havia caso em que eram os próprios familiares do noivo que, convivendo com a jovem, indicavam ao emigrante a noiva ideal para ele.

Esta situação tem dado origem a casamentos por procuração, e em alguns casos antes mesmo de os noivos se conhecerem, segundo uma das minhas informantes. Este facto evidencia algumas condições impostas ao casamento com o emigrante, chegando a ser um casamento de “arranjo de famílias”, e “não o amor como fundamento”, recorrendo

às expressões de Giddens ao referir-se aos casamentos do tipo tradicional em países asiáticos (zonas rurais da China e Índia) e na Europa Medieval (GIDDENS, 2006, p. 58 e 59).

D.F. uma das minhas informantes que casou por procuração contou um pouco da sua experiência. Afirmou que seu marido veio passar férias com a família e ficaram namorados três dias antes da sua ida, um tempo muito limitado que não dava para se conhecerem. No ano seguinte, resolveram se casar mas o seu marido não podia vir porque ainda não se encontrava preparado para cobrir as despesas da viagem e do casamento, por isso, o pai dele era o representante do novo. Disse que apesar de se tratar de um casamento normal em termos documentais, nunca se esquecerá de um grande vazio que sentiu durante a celebração e nos primeiros dias do seu casamento.

Entretanto, disse que o casamento nestas condições pode trazer algumas vantagens. Isso porque, na verdade, celebra-se um compromisso entre os casais, que na sua opinião deve ser respeitada e lembrada por ambos, mesmo estando longe um do outro. Ainda ficava mais fácil, em termos documentais, a mulher ir ter com o marido no estrangeiro como fez ela depois de dois anos de casada.

Todavia lamenta que o seu casamento dela não correu bem. Foi ter com o marido em Portugal e após sete anos de convivência teve de regressar ao país com os seus filhos “ficando o marido sozinho com a sua vida” diz ela, um pouco indignada. Aqui passou a viver com os seus pais e a dedicar-se a “todo o tipo de trabalho” para educar e criar os filhos, praticamente sem apoio do marido. Actualmente sente-se um pouco mais aliviada, afirma. Os seus filhos já estão crescidos, dois dos quais estão fazendo curso superior em Portugal e ela acredita no apoio deles, especialmente para a construção da sua própria casa almejada desde há muito.

Uma questão que incomoda quase todas as mulheres com quem conversei, cujos maridos/companheiros emigraram, e que tem prejudicado muito a sua conjugalidade, e a sua família aqui, tem a ver com a questão da “outra família” constituída pelos seus maridos/companheiros no estrangeiro.

Entretanto, o que verifiquei nas conversas tidas com as minhas entrevistadas é que elas não condenam os seus maridos pelo envolvimento inicial com outras mulheres no estrangeiro. Segundo as mesmas, trata-se de um ato normal e necessário já que elas não podem satisfazer as suas necessidades, especificamente sexuais e emocionais por uma questão de distância. Todavia, estão cientes de que esta situação pode trazer um certo perigo para elas e para a sua família, uma vez que, em muitos casos, propiciam a formação de uma nova família no exterior. Essas mulheres tendem a condenar particularmente as mulheres que envolveram com os seus maridos/companheiros e, em geral, todas aquelas que envolvem com homens comprometidos. Elas consideram que essas mulheres são oportunistas, uma vez que aproveitam-se da situação de distância para seduzir os seus maridos/companheiros, conforme as declarações de D.NB:

Não podemos impedir, que os nossos maridos arrumam uma outra mulher no estrangeiro, porque nós não estamos lá para os satisfazerem. Sabes, os homens cabo-verdianos são assim. Arrumam uma, duas ou mais mulheres fora mesmo tendo a sua mulher dentro de casa, quanto mais os que estão embarcados. Nós as mulheres é que temos de por a cabeça no lugar e saber com que homens devemos se envolver.

Eu pessoalmente não condeno os homens porque aos homens lhe é “dado até a sua própria mãe”²⁵. Sou contra as mulheres, aquelas que pegam nos homens dos outros e fazem-nos delas. As mulheres que fazem este tipo de coisa são mulheres sem vergonha. Aquelas que estão embarcadas, vão a procurar de uma vida melhor, mas em vez disso, aproveitam a oportunidade para tirar os nossos maridos de nós. Aqui os homens escolhem as mulheres, mas ali não. “Ali todo o gato é pardo”²⁶. (D.NB., 54anos)

Assim, como esta informante, outras informantes com quem conversei sobre este assunto, também mostraram a favor do envolvimento sexual dos seus maridos/companheiros com outras mulheres no estrangeiro. Isso porque alegam que os homens têm esse direito já que segundo elas “os homens são fracos por natureza por isso não aguentam estar muito tempo sem se envolverem sexualmente com uma mulher”. Entretanto todas mostraram contra um compromisso a sério com essas mulheres porque, se não, estariam a correr o risco de serem abandonadas.

Essas e outras declarações proferidas pelas minhas informantes levaram-me a reflectir um pouco sobre as interpretações feitas por Rodrigues (2007) ao referir a concepção da masculinidade em Cabo Verde. Conforme as interpretações desta autora a

²⁵ Trata-se de um ditado utilizado em Santiago para mostrar que não há limites para os homens na questão do envolvimento sexual com as mulheres.

²⁶ Expressão usada para referir que aparentemente não há diferença entre uma coisa e outra.

masculinidade caboverdiana está muito ligada a sexualidade. Pois, acredita-se que os homens possuem uma pré-disposição natural para ter mais do que uma mulher ao mesmo tempo. Por isso, essa atitude não é condenada mesmo relativamente a um rapaz que se encontra na idade escolar. (RODRIGUES, 2007).

Portanto a “outra família” arrumada pelos seus maridos/companheiros no estrangeiro é, a causa mais apontada pelas mulheres para o fim dos seus relacionamentos. Outras ainda mesmo não tendo sido abandonadas lamentam esta situação porque, como dizem, os seus maridos/companheiros “estão bem servidos” no estrangeiro e elas ficam no país, esperando anos e anos.

3.4.- Viúva de lenço branco: o casamento para toda vida

A expressão “viúva de lenço branco” é uma expressão proferida pelas minhas informantes que se declaram casadas na igreja católica, e que não têm mais esperanças de voltarem a viver com os seus esposos que se encontram no estrangeiro. Entretanto, permanecem fieis aos maridos, pelo menos até a morte de um deles.

Pelo que percebi nas conversas e nas observações feitas durante o meu trabalho de campo, esta decisão é motivada sobretudo pelo respeito ao casamento na igreja, o que considero também um motivo religioso, já que praticamente todas as minhas informantes que se declararam abandonadas pelos maridos no estrangeiro são católicas praticantes e sempre evocaram o nome de Deus para justificarem a sua posição.

D.A.A é uma das minhas informantes que confirmou ser abandonada pelo marido emigrado. Conforme disse ela é casada na igreja, ficou sem o seu marido há 29 anos, mas continua sendo uma mulher casada e fiel ao marido mesmo sabendo que ele tem uma outra família no estrangeiro e que não vão voltar a viver juntos. Por essa razão, ela considera que o seu marido está morto. Ela reconhece que o seu marido não merece essa fidelidade, aliás, ela julga que o seu marido nem se lembra mas dela. Entretanto, disse que a sua fidelidade tem a ver com a honra a sua própria pessoa e ao seu casamento que é abençoado por Deus. Num dos seus depoimentos salientou:

De meu marido nem quero falar porque não tenho marido. Não morreu, mas para mim ele está morto. Eu sou uma daquelas que se dizem viúva de lenço

branco, já ouviu falar? Eu sou casada na igreja e respeito o meu casamento com todo o gosto: não traí o meu marido na minha juventude quanto mais agora. Casamento é responsabilidade e digo-te uma coisa “mulher casada é fina”²⁷. Eu graças a Deus não dei a ninguém nenhum motivo para falar mal de mim. Eu vivo com Deus no meu coração (D.AA, 54 anos).

Nas conversas informais tidas com várias mulheres desta localidade, percebi que muitas delas preferem casar-se, no entanto constatei que o casamento não é a mais frequente forma da união e da constituição da família entre os casais o que não se difere dos dados estatísticos a nível do País.

Os dados estatísticos disponíveis do Censo (2010) nos dão conta que o casamento não constitui a principal forma de união entre os casais. De um total de 369.055 pessoas residentes em Cabo Verde com 12 anos ou mais, 200.702 (54,4%) declararam solteiros (as). Para aqueles que afirmaram viver em conjugalidade, 82.397 (22,3%) vivem em união de facto enquanto 50.051 (13,6%) são casados (as). Os restantes pertencem a outros estados civis que correspondem a uma percentagem ainda menor.

Todavia, para as mulheres entrevistadas o casamento legal e sobretudo na igreja constitui um ato de grande prestígio e é visto como uma das formas de valorização social. Aliás conforme Rodrigues (2007) em Cabo Verde assim, como noutros países onde se cruzam a pobreza com género, o casamento constitui “uma das vias para as mulheres conseguirem a mobilidade social ascendente” (RODRIGUES, 2007, p.138).

Numa das conversas informais tidas com uma senhora solteira de 35 anos, com três filhos, fiquei esclarecida sobre este fato. Para ela o casamento é uma forma de “conservação da mulher” e diz o seguinte: “Se uma mulher não chorar pelo casamento não precisa chorar a morte da própria mãe”. Disse que em Pilão Cão as mães solteiras que vivem sozinhas com os filhos sofrem alguma discriminação social, sobretudo por parte dos homens que aproveitam-se da situação para “fazerem troças”. Pelo contrário, segundo a mesma, uma mulher casada ou que tenha um companheiro em casa é respeitada por todos, principalmente pelos homens.

²⁷ Esta expressão quer dizer que uma mulher casada deve evitar qualquer suspeita de traição ao seu marido

Conforme Giddens (2006), para a família tradicional o casamento era uma fase de vida na qual todos deviam passar. Além disso o casamento era visto como um compromisso para toda a vida. Entretanto, diz o mesmo autor, que hoje em dia, o significado do mesmo alterou-se de uma forma expressiva. Um pouco por todo o mundo, verifica-se que o casamento já não define o acasalamento. O casal vive numa relação podendo ou não casar-se legal ou religiosamente. Refere ainda que actualmente a tendência para o divórcio e a separação entre os casais estão a aumentar consideravelmente. O compromisso entre os casais podem romper-se quando, por exemplo, não há amor e respeito de ambas as partes (GUIDDENS, 2006).

As mulheres casadas com quem conversei em Pilão Cão ainda conservam muitos traços tradicionais do casamento descrito por Guiddens (2006). Dizem que o casamento sobretudo na igreja é um acto que só acaba com a morte de um dos cônjuges. Entendem que o casamento na igreja é o compromisso entre os casais, mas abençoado por Deus. Pode acontecer que haja separação entre os casais mas a mulher deve manter-se fiel ao marido. Uma das minhas entrevistadas que nesse momento se encontra divorciada “no papel” muito triste fez a seguinte declaração:

A Bíblia Sagrada nos ensina que, “o que Deus uniu, o Homem não pode separar”. Neste momento estou muito preocupada com a minha situação porque sei que na verdade sou uma mulher divorciada, mas isso perante os olhos do mundo. Eu continuo casada, sinto que estou casada com o meu marido, porque o meu casamento foi feito na igreja e tudo que prometi ao meu marido na presença de Deus eu vou cumprir. Eu só assinei este divórcio para o bem dele. Ele precisava ter documentos para poder viver em paz no estrangeiro e para poder vir nos visitar e assinei, mas isso é só no papel (D.A.G.36 anos).

Praticamente todas as mulheres cujos maridos emigram em Pilão Cão declaram ter passado por vários problemas provocados pela ausência dos seus cônjuges. A solidão, o aumento das responsabilidades, o cansaço, o *stress*, são alguns dos problemas vivenciados com a saída dos seus maridos/companheiros. D.C.L, tem 39 anos diz que no início, após a viagem do seu companheiro enfrentou alguns problemas que lhe causaram algum sofrimento. Perdia o sono durante a noite a pensar na melhor forma de coordenar todos os afazeres, incluindo os que eram da responsabilidade do companheiro. De acordo com a sua opinião, antes de viagem do seu companheiro as responsabilidades de cada um estavam claramente definidas. Assim, na ausência do seu companheiro tinha alguma dificuldade em desempenhar certas tarefas. Contou que seis

meses após a viagem do seu companheiro precisava de construir um chiqueiro, uma vez que, se aproximava a época das chuvas e todos os animais deviam estar amarrados ou num curral. Arranjou todos os materiais necessários e passou cerca de três dias a procura de um homem para lhe fazer aquele trabalho, mas cada um lhe dava uma desculpa diferente. Sem alternativa pegou nos materiais e começou a fazer as paredes. Conseguiu construir um chiqueiro não muito perfeito, mas que lhe serviu até o final do ano, sem nenhum constrangimento.

Da mesma forma, outras mulheres declararam ter enfrentado problemas. Todavia, confessaram, que tais dificuldades foram contornadas ou ultrapassadas com o tempo através de novas experiências e adaptação às situações. No entanto, para essas mulheres o maior e o mais difícil de ser ultrapassado, tem a ver com o medo de serem abandonadas pelos seus maridos/companheiros que tendem a envolver com outras mulheres e arranjar uma outra família no estrangeiro. Passam anos sem receber uma visita, havendo casos em que perdem o contacto com o cônjuge.

O sentimento de medo e insegurança é vivenciado por todas as mulheres entrevistadas, cujos maridos/companheiros encontram-se emigrados. Todavia, existem aquelas que realmente estão abandonadas pelos seus esposos por vários anos e que passaram a assumir todas as responsabilidades da família sozinhas. Porque são casadas na igreja, conforme dizem, mantêm-se fiéis aos maridos e prometem essa fidelidade enquanto uma das partes manterem vivas – são elas as viúvas de lenço branco. Portanto, nota-se que viúva de lenço branco constitui uma nova identidade assumida por mulheres cujos maridos emigraram.

3.5 - A família no contexto da emigração

Conforme Giddens (2006) entre outras instituições sociais, a família é uma das que está em constante transformação. A chamada família tradicional, aquela que se origina sobretudo pelo casamento, onde o homem e a mulher asseguram a reprodução e a educação dos filhos, está a mudar. Além disso a noção de família é uma construção social. Apesar de ser uma instituição universal, o seu conceito varia com a sociedade, com o tempo, com as áreas geográficas e culturais, as instituições políticas e religiosas,

com a função, com a residência, com a categoria social dos indivíduos etc. (AUGÉ, 1975; GIDDENS, 2004 e 2006; FONSECA, 2004).

Se partimos do princípio que família está em mudança, então as famílias afectadas pela emigração, especificamente aquelas cuja figura física do pai e do marido/companheiro encontrara-se no estrangeiro são duplamente atingidas. Rodrigues (2007) fez um estudo sobre a plasticidade familiar em Cabo Verde, centrando a sua análise nas famílias afectadas pela emigração, a pobreza e outras vulnerabilidade sociais existentes. Para esta autora, entre outras tendências, os movimentos migratórios existente no nosso país fazem com que a composição do agregado familiar esteja constantemente a contrair-se ou a expandir-se, seja pela saída ou pela entrada de novos membros no agregado familiar, fazendo alterar também a ideia tradicional de família (RODRIGUES, 2007).

Além disso, a existência de uma elevada taxa de famílias monoparentais chefiadas por mulheres em Cabo Verde, pode ser justificada, em parte, pela saída dos homens para a emigração. Dados do Instituto Nacional de Estatística, Censo (2010), indicam que 48,1% das famílias cabo-verdianas são chefiadas por mulheres na sua maioria dos concelhos rurais do interior da ilha de Santiago²⁸.

Em Pilão Cão este facto é perceptível tanto nas famílias que se originaram pelo casamento como nas restantes. Os dados do Censo (2010) indicam que dos 269 agregados familiares, ali existentes 124 são chefiadas por homens e 145 por mulheres. Outrossim, esses dados não se diferenciam dos existentes ao nível do concelho onde está inserido. Como já dito, além de existirem mais mulheres do que homens, também há mais mulheres a chefiar as famílias.

Segundo Augé (1975) a composição da família não depende somente das regras de residência e coabitação. A família continua existindo mesmo que os seus membros residam separadamente. A este respeito, as opiniões formuladas pelas minhas informantes vão de acordo com a posição deste autor. Segundo elas a saída dos seus

²⁸ Os Dados da Censo (2010) referentes à distribuição dos chefes dos agregados por Concelho e por sexo indicaram que no concelho de Tarrafal, Santa Cruz, Santa Catarina, e São Miguel, 62,7 %, 57,6%, 56,4 e 57,4%, respectivamente, são constituídas por famílias monoparentais chefiadas por mulheres. O mesmo se verifica nos Concelhos de Ribeira Grande de Santiago, São Salvador do Mundo, e São Lourenço dos Órgãos com 54,4%, 54,3% e 50,2 respectivamente.

cônjuges da unidade familiar não anula o seu papel, mas sim reforça-o. Sai à procura de uma vida melhor para a família, que só ele como provedor deve oferecer.

Para elas, principalmente as que mantêm a ligação com os seus cônjuges, a liderança por elas assumidas é provisória e não anula certas actuações dos seus cônjuges ausentes. Estes continuam fazendo parte da família e ocupando um lugar de destaque. Em muitos casos, por serem considerados o provedor da família, são eles que decidem as questões mais importantes no seio da mesma, conforme as declarações abaixo:

Faz 14 anos que o meu marido emigrou, mas o lugar dele continua aqui. Ele continua sendo o chefe da minha família. Ele trabalha e manda dinheiro para a gente. Então ele tem o direito de decidir o que fazer com esse dinheiro, sobretudo se o dinheiro é para ser empregue na construção. Ele também decide sobre outros assuntos da família aqui, embora ele não decida sozinho. Eu também posso dar a minha opinião, mas caso se trate de algo muito importante é ele quem decide (D.AG. 36 anos).

Aquelas que não recebem remessas ou mesmo as que já perderam contacto com o marido/companheiro já formulam uma opinião contrária relativamente ao chefe e a pertença da família. É o caso da D.TT. que já passou mais de trinta anos sem contacto com o seu marido. Para ela, o seu marido já não pertence mais à sua família. Aliás afirmou que ouviu da boca de outra pessoa que ele já não se identifica como sendo caboverdiano. Assim sendo ela assume como chefe e provedora da sua família.

Estas declarações indicam alguma complexidade na determinação do chefe da família. O chefe é o provedor/provedora e não necessariamente aquele que dirige a família. Por esse motivo, existem umas que se consideram chefes da família e outras nem por isso.

Além dessa complexidade, nesta comunidade a relação mãe/filhos é o que mais salta à vista, o que não se distancia a nível nacional (RODRIGUES, 2007). Essa relação justifica, em parte, pelas declarações proferidas pela maioria das mulheres quando questionadas sobre o encargo com os filhos na ausência dos pais. Para elas esta não constitui nenhuma novidade e nem constitui grande dificuldade. Consideram que o cuidado e a educação dos filhos são tarefas mais indicadas às mães mesmo na presença do pai. Entretanto, acham que o pai ajuda, sobretudo durante a adolescência e juventude dos filhos. Por isso asseguram que as mães têm mais dificuldade que os pais em deixar os filhos para trás para se aventurar na emigração.

Tomando como referência, as dinâmicas e relações familiares observadas por Fonseca (2004) nas classes mais baixa da população, a noção de família está ancorada às actividades domésticas desenvolvidas diariamente e às redes de ajuda mútua. Esta chamada de atenção e outras posições dos autores supracitados serviu-me para analisar, ainda que superficialmente, a noção de família, no entender dos moradores desta comunidade.

Conforme observou Cardoso (2009) quanto à organização familiar em Principal no interior da ilha de Santiago, também em Pilão Cão a lógica da construção das casas está associada a noção construída da família. No entender de D.NH. (90 anos) naquela comunidade todos estão unidos por laço de parentesco²⁹ e de consanguinidade. Justificando que em situações específicas, todos reúnem-se para ajudar uns aos outros.

Em cada uma das zonas constituintes desta comunidade encontram-se grupos de casas ocupadas pelos familiares cujos vizinhos são por exemplo: avó e avô, pai e mãe, sogro e sogra, noras, irmãos e irmãs, cunhados e cunhadas, tios e tias, sobrinhos e sobrinhas, primos e primas, etc. Através de exemplos concretos, referiu algumas zonas da comunidade que para ela são compostas por pessoas da mesma “família” como: “em Nona Branca, família da Veiga, em Cutelo família Vaz, em Chão de Figueira família Pereira, em Mato Garça família Martins, etc. Todavia, ressaltou que actualmente com a compra de terrenos para construção de casas, pela inclinação em construir casas perto de estradas e em zonas mais urbanizadas, esta lógica está-se a perder aos poucos.

Esta lógica de construção de casas também aponta a função da família nesta localidade. A aproximação, e em vários casos, a coabitação das mulheres com as sogras e ou sogros, cunhados e cunhadas têm ajudado muito na superação da ausência física do marido/companheiro principalmente em relação aos filhos. Neste sentido cito as declarações de DNB:

Eu cá não passo afrontas estou no meio de família. Não é a minha família de sangue, mas são do meu marido, por isso, minha também. Eu, à mãe do meu

²⁹ É um tipo de relação social estabelecida que nunca coincide completamente com a consanguinidade. A procura de cônjuge fora da família biológica torna-se indispensável o estabelecimento das relações de parentesco (Augé, 1975, p.14).

marido chamo mamãe e a seu pai, papai. Os meus filhos também chamam de mamã e de papá aos seus avós. Os seus tios são como um pai para eles, aliás um dos tios é padrinho do meu primeiro filho e como se diz “padrinho também é pai”. Por isso, contrariamente a mim, os meus filhos não se sentem muito a falta do pai. Graças a Deus neste ponto não tenho nada a dizer eles ajudam-me bastante. Dão bordoadas em caso de desobediência e dão presentes também (D.N.B., 54 anos).

Esse depoimento mostra que os avós, tios e tias também têm a responsabilidade de educar os netos ou sobrinhos, sobretudo se o pai estiver ausente. O que é normal e muito habitual em Pilão Cão, também muito frequente em Cabo Verde, ainda mais se a mãe for solteira (RODRIGUES, 2007).

Do que foi dito neste capítulo podemos dizer que em Pilão Cão há uma legitimação social da saída dos homens em detrimento da mulher. O que demonstra que os homens continuam a aproveitar das melhores oportunidades em relação às mulheres. Isso evidencia o fosso ainda existente entre os sexos e que continua marcando desigualdades de oportunidades entre os homens e as mulheres nesta comunidade. Tudo por causa da socialização que se dá através de vários ensinamentos, e que influencia a forma, de pensar, de agir etc. e que nos leva a acreditar nas regras sociais como se fossem naturais. O mesmo acontece com a divisão de trabalho entre os sexos principalmente quando o homem e a mulher vivem juntos.

Todavia, não se pode dizer o mesmo relativamente às mulheres cujos maridos/companheiros emigraram. Diferentemente dos estereótipos que foram transmitidos e muitas vezes reproduzidos e naturalizados, as mulheres que ficam souberam enfrentar a realidade de estarem sozinhas a cuidar dos filhos e de outros afazeres inclusive as que era delegado aos seus maridos/companheiros. A nível sentimental e emocional verificam-se uma tendência para se desenvolverem uma baixa autoestima o que justifica ainda uma certa subordinação às regras sociais existentes. Aquelas que foram abandonadas consideram que passaram por uma transformação mais profunda.

Perante esta análise podemos dizer que estas mulheres ultrapassaram o desenho identitário a qual foi delineado antes da saída dos seus maridos/companheiros ou então aquilo se compararmos com as outras mulheres que vivem com os seus cônjuges.

CAPÍTULO IV - CONTROLE SOCIAL EXERCIDO SOBRE AS MULHERES CUJOS MARIDOS/COMPANHEIROS EMIGRARAM E, TENSÕES FAMILIARES

Este capítulo tem por objectivo analisar a situação das mulheres que ficam, relativamente a recepção dos maridos/companheiros quando retornam, e os momentos da ausência dos mesmos, correspondente ao “tempo de espera” que normalmente vivem sobe controlo dos cônjuges emigrantes, dos familiares (dela e do marido/companheiro), dos vizinhos e de toda a comunidade em geral.

4.1 - O retorno e a espera: duas faces da mesma moeda

Inicialmente, o projecto da emigração do marido/companheiro inclui não só a aquisição de bens e serviços que permitam a realização pessoal e a melhoria das condições de vida das famílias, mas também a promessa do retorno para visitar a esposa/companheira e toda família que fica no país de origem.

Juliana Dias (2000) afirma que o retorno é um valor, sendo o momento mais esperado tanto pelos emigrantes que partem como pelos familiares que ficam. A este respeito, um ex-emigrante, actualmente reformado, com o qual eu conversei confirmou a expressão da autora. Segundo ele, é no retorno que o emigrante “vive a sua emigração” através da convivência com os familiares, com os amigos e conhecidos. Durante a emigração, o emigrante dedica-se mais ao trabalho e no retorno precisa realmente desse momento que além de servir de descanso é para ele um momento de recreio. Continuando o seu discurso, o retorno também engrandece o próprio emigrante. Isso porque quem retorna é também aquele que honra o compromisso assumido no momento da partida, sobretudo para quem deixa a sua esposa/companheira no país, conforme explicou.

Não basta que ele envie dinheiro e encomendas para mostrar que realmente trinfou na emigração. Também é preciso que volte ao seu país para cumprir o seu dever para com a sua esposa/companheira. A mulher que fica à “espera” do seu marido /companheiro merece esse momento sempre que possível para compensar o sacrifício do corpo e da alma pela qual passa na ausência do seu marido/companheiro (S.E., 67anos).

Este depoimento ajuda-nos a perceber que o retorno é também uma forma de dignificar as esposas/companheiras que ficam. As que não receberam visitas ou que recebem-nas com pouca frequência, sentem desonradas e tendem a desenvolver uma baixa auto-

estima, tentando se culpar sempre que reflectem as causas do seu abandono. É o caso da D.L. que já não tem mais esperança de receber visitas do seu marido, que nunca retornou desde que partiu (à 19 anos), salientando: “Passo horas e horas a pensar onde foi que errei para merecer isso, mas ainda não descobri. É o meu destino e não tenho nada a fazer. Tenho pouca sorte nesse mundo, porque se fosse uma outra pessoa talvez não passaria por nada disso.”

As minhas entrevistadas que receberam visitas dos maridos/companheiros contaram da sua satisfação a quando da chegada dos mesmos. Todas dizem ter feito o melhor que puderam para receber bem e agradar o seu marido/companheiro. Realizaram actividades como arrumação da casa (pintura, substituição de mobiliários), a matança dos animais (porco e bode), distribuição de bebidas (sumos e grogues) celebração com música etc. DM, por exemplo, contou-me que a última recepção ao seu marido não correu como deveria. Tudo porque ela encontrava-se doente e não podia proporcionar-lhe um bom acolhimento como já tinha feito anteriormente. Lamenta por não ter agradado convenientemente o seu marido, a quem considera “um bom marido”, e por não poder partilhar a sua alegria com os vizinhos, os amigos e os visitantes durante o período da visita do seu marido. Relatou que em visitas passadas, matou animais (porco, bode e galinhas) pôs música em casa e ofereceu bebidas aos visitantes. Tudo para agradar ao marido, aos amigos e conhecidos que os visitavam constantemente para dar as boas vindas, durante o período de um mês, correspondente a estadia do marido no país.

Como já tinha dito, nem todas vivenciam a experiência do retorno do marido/companheiro. Os dados recolhidos durante o trabalho de campo que levei a cabo indicaram que muitos emigrantes não retornaram ao país de origem. Mesmo para os que retornam, a vinda nem sempre acontece como é inicialmente projectada. Muitas vezes, os planos sofrem alterações no país de acolhimento. O retorno é frequentemente adiado por factores que têm a ver com a burocracia na legalização dos documentos, pela mobilização de recursos financeiros que possam custear as despesas da viagem e permanência³⁰, ou ainda por factores pessoais. Segundo as informações recolhidas junto às minhas informantes, o primeiro retorno tende a demorar no mínimo oito anos, salvo

³⁰Um emigrante que retornou de visita sobretudo no interior da ilha de Santiago tende a consumir produtos estrangeiros, sobretudo vestuários e perfumes de marcas que os diferenciam das restantes pessoas. Normalmente os familiares, especificamente a esposa/companheira, tendem a consumir tais produtos, pelo menos, durante a permanência do marido/companheiro no país.

alguns casos. A partir daí o intervalo entre as visitas tende a diminuir, mas nunca para menos de quatro anos.

A autora supracitada diz que “se o retorno é um valor, a “espera” é a outra face da moeda” (Dias, 2000, p. 124), isto é, como já tinha dito anteriormente o retorno afigura-se como um prestígio e um momento de grande satisfação por parte do retornado, da sua esposa/companheira e dos restantes familiares que o acolhem, entretanto em relação à “espera” não se pode dizer o mesmo. A “espera” representa para as minhas informantes momentos de interdição, de ansiedade, sofrimento, incerteza, e quando não correspondida representa uma perda de tempo.

O termo “espera” usado neste estudo refere-se especificamente às esposas/companheiras que ficam no país enquanto os seus maridos/companheiros permanecem no estrangeiro. Neste caso, conforme Silva et al (2010, p.305) a “espera” é vista como uma instituição social, isto é, algo instituído pela sociedade e que segue determinadas regras. Por isso, considera que aquelas que ficam na situação de espera, tendem a se reservar de certas situações sociais que possam denotar oportunidades de traição. Por exemplo as mulheres nesta situação tendem a evitar a companhia de indivíduos do sexo oposto e de mulheres descomprometidas e evitam a participação em espaços de divertimento tais como festas, bailes, etc.

Geralmente, durante o período de espera o comportamento da mulher passa a ser vigiado e controlado, não só por familiares do marido/companheiro, que em vários casos atuam a mando do próprio marido/companheiro (a ser analisado no ponto 4.2. deste capítulo), mas também pelos vizinhos e pela comunidade em geral, especialmente quando se trata de uma comunidade onde todos se conhecem. Tudo porque se considera que o marido no estrangeiro está a trabalhar para sustentar a mulher e os filhos. Por isso, compete à mulher o dever de desempenhar devidamente o papel que lhe é atribuído (ser mãe e pai ao mesmo tempo) e esperar pelo regresso do seu companheiro/esposo. Nestas condições, as mulheres que se submetem a tais normas tendem a alterar o seu comportamento, vivendo o seu dia-a-dia em função destas regras, de modo a evitar especulações, que possam pôr em risco o seu relacionamento conjugal.

Os meus dados de campo revelaram que o controlo social sobre as mulheres que ficam à espera é exercido de diversas formas: através de fofocas, sanções sociais, vergonha social, humilhação etc. Muitos desses mecanismos constituem uma privação, porém alguns são acatados com a maior naturalidade porque fazem parte das ideias construídas sobre ser-se “uma boa mulher”. Neste caso refiro-me, por exemplo, à participação em espaços de diversão³¹ (festas ou bailes). A maioria das informantes é da opinião de que tais espaços não fazem parte de lugares interditos exclusivamente a elas, mas sim a qualquer mulher comprometida (casada ou não) mesmo estando o marido/companheiro presente. Para elas uma mulher comprometida deve reservar-se, caso contrário podem manchar a sua reputação. Além disso, consideram que a mulher nestas condições encontram-se muito ocupadas com os afazeres domésticos e com a família e não sobra tempo para este tipo de diversão. Numa das suas declarações uma das minhas informantes afirmou:

Ir ao baile ou a festas não fez nenhuma falta para mim, na ausência do meu marido. Aliás ele nunca me levou a estes lugares. Mesmo assim, penso que os bailes e festas que se fazem por aí, não são coisa para mulheres como nós. Uma boa mulher, não tem tempo para isso. Tem muito que fazer em casa. Os homens podem ir à vontade porque são “porco solto”³² (DM. 45 anos).

Esta opinião evidencia a naturalização da desigualdade de género existente na nossa sociedade³³. O ser mulher é socialmente pensado e direccionado a sua conduta para a esfera privada (famílias e actividades domésticas, sem espaços para lazer), enquanto a conduta dos homens está voltada para a esfera pública (onde se incluem os momentos de lazer).

As opiniões formalizadas a este respeito podem variar, com o estatuto social ocupado, com o grau académico, com realidade social partilhada. Esta última, influencia os indivíduos através de um conjunto de normas interiorizadas a começar pela socialização primária, considerada a mais importante para a definição da personalidade de um indivíduo.

³¹ Silva et al (2010) fez uma análise relativa às noivas ou namoradas que ficam no Município de Tavares PB em Brasil, enquanto os noivos ou namorados emigraram.

³² Ditado popular usado no interior de Santiago para se referir a alguém que está totalmente livre para a realização de uma determinada acção.

³³ Também verificado nas outras paragens do Mundo.

Conforme dizem Berger e Luckmann (2004) “a socialização primária cria na consciência da criança uma abstracção progressiva dos papéis e atitudes de outros específicos para com os papéis e atitude em geral” (BERGER e LUCKMANN, 2004 p. 140). Com isto, quero dizer que o indivíduo interioriza desde criança, na família, nos vizinhos, na sua comunidade, nas instituições sociais um conjunto de valores e normas sociais e que os exterioriza através das suas acções, suas atitudes, modo de expressar etc. A este respeito gostaria de dizer que há todo um trabalho a ser desenvolvido a respeito de género, principalmente para incutir nas famílias, nas escolas etc. valores que visa a mudança de atitude perante este cenário. É de se admitir que felizmente, esta problemática está sendo trabalhada paulatinamente pelas entidades governamentais e não-governamentais³⁴ do país.

Não obstante, as minhas entrevistadas confessaram que a “espera” pelo regresso dos seus cônjuges impõe-nas alguns limites, o que altera a sua forma de ser e de estar na sociedade, se se comparar com o período que antecede a ida dos seus maridos/companheiros. Uma das minhas informantes disse que a ausência do seu marido a fez mudar um pouco, particularmente a sua forma de se relacionar com os amigos e amigas. Disse que passou a afastar-se mais dos homens e de certas mulheres também. Por isso, reduziu o número de amigos e passou a dedicar-se mais aos trabalhos (domésticos e não só) e à educação dos filhos. Entretanto queixa-se da solidão devido à falta de companhia. Num dos seus depoimentos disse:

Após a viagem do meu marido transformei-me numa pessoa diferente. Sabes a gente deve evitar conviver com os homens e mesmo com algumas mulheres. Homem a gente cumprimenta, a gente chama para trabalhos e só isso. Nem os meus irmãos e os meus primos. Sinto que me afastei um pouco mais deles. As pessoas estão de olho à procura de coisas para “linguajar”³⁵. Por isso eu procuro ficar sozinha com os meus filhos, dedico-me aos meus afazeres e pronto. Só que nessas condições a gente fica sozinha sem alguém para dividir ou para contar os problemas. (D.C., 38 anos).

Uma outra informante de 50 anos de idade que nesse momento diz que não tem mais esperança de um reencontro com o seu marido, afirmou que ficar à espera do cônjuge não a deixou viver a sua juventude de uma forma merecedora. Salientou que com 21 anos de idade, a partir do momento que casou e que o seu marido emigrou, dedicou a

³⁴ Sobre este assunto existem vários relatórios produzidos em Cabo verde dentre as quais cito o relatório produzido pela Comissão Económica da África – Nações Unidas (2010). Género em África. Índice de Desenvolvimento da Condição Feminina em Cabo Verde: Engajamento político a favor igualdade de género.

³⁵ Também significa fofocas

sua vida ao trabalho e à educação do filho. Deixou de participar em todos os eventos sociais, com excepção da ida à missa e visitas aos conhecidos aquando falecimento de algum ente. Também disse que deixou de pertencer a um grupo de batuque, uma actividade que sempre gostou desde criança, não porque o marido a impedia, mas porque sabia que essa actividade não era permitida para uma mulher cujo marido emigrou, uma vez que, iam batucar à noite nas festas de casamento ou noutros eventos. Por isso parou para não correr o risco de ser mal falada. As colegas que prosseguiram no grupo tiveram a oportunidade de actuar até no estrangeiro, muitas não regressaram. “Ficaram, trabalharam e agora têm uma vida melhor” disse ela num tom triste, sem esconder o arrependimento por ter interrompido esta carreira. Na verdade afirmou que o seu marido não lhe fez nenhuma visita desde que viajou há 29 anos. Além disso também ela queixa-se por ter feito um casamento que só ficou num compromisso “perante Deus”, mas que não foi vivido maritalmente. Um pouco mais animada disse: “esperar pelo homem emigrado é viver na incerteza dia após dia porque do homem a gente espera tudo, dependendo da sorte de cada um”.

De uma forma geral todas as minhas informantes declaram que a situação de espera impõe obedecer a certas regras sociais, mas existem aquelas que manifestaram resistência a algumas regras. Segundo as mesmas também, era preciso atender as suas vontades, sem pôr em causa a sua reputação enquanto esposas/companheira de cônjuges ausentes.

D.A de 29 anos é um dos exemplos. Ela não escondeu algumas mudanças relativas à sua conduta com a ausência do companheiro. Segundo ela, na presença do seu companheiro tendia a vestir-se e a comportar-se que “nem uma princesa” pois era assim que o seu companheiro gostava e ela também. Referiu que usava vestuários de moda trazidos pelo próprio companheiro e saía frequentemente para passear e para se divertir com ele. Contrariamente, na ausência do companheiro preocupa-se muito menos com a aparência e evita o máximo possível, situações comprometedoras. Entretanto tem a seu cargo uma função que a obriga a algumas deslocações para reuniões e realizações de actividades. A esse respeito ela acredita que algumas pessoas possam fazer intrigas. No entanto, não sente qualquer receio. Afirmar estar a fazer um trabalho de que gosta e que também tem um grande valor social. Afirmar ainda que nunca passou dos seus limites e que tem estado a informar ou mesmo a pedir permissão ao seu companheiro, quando necessário.

D.AG. é uma outra informante que também descuidou-se da aparência com a ausência do marido. Salientou que poucos anos após a saída do seu marido parecia tão velha como a sua própria mãe. Vestia saias de pregas compridas, andava sempre com lenço na cabeça mesmo quando saía para a missa e passava o dia a trabalhar, a cuidar dos animais e dos filhos. Tudo porque queria evitar fofocas e confrontos com os familiares do marido com quem vivia. No entanto, disse que não resistiu porque parecia uma outra pessoa. Por isso, passou a se cuidar mais e actualmente sente-se bem com a sua aparência.

Diz ainda que agora faz parte da direcção de um grupo da igreja católica que sempre gostou e cuja participação tinha também suspenso. Por isso, tem-se deslocado constante a missas e reuniões dentro e fora do concelho, sem dar importância às pessoas que parecem preocupadas com a sua vida. Lamenta alguns problemas de saúde como a insónia, dores de cabeça etc. que para ela tem a ver um pouco com algumas situações impostas pela ausência do marido.

Apesar das dificuldades da situação de espera, as minhas informantes preferem esperar do que enfrentar a vergonha social em caso de transgressão de regras básicas que possam pôr em perigo a sua conjugalidade. Portanto, a sua própria honra e a honra dos familiares também estão em jogo. Segundo uma informante, trair o marido é vergonha sem fim tanto para quem trai como para toda família. “É luto em casa” diz ela num tom muito sério.

Por isso elas sentem-se orgulhosas de si mesmas por conseguir salvaguardar a sua honestidade e da família, mesmo aquelas que não são correspondidas pela contrapartida masculina. DL, sem contacto com marido há 19 anos disse: “Graças a Deus eu ando com a minha cara bem levantada porque não dei motivos para ninguém suspeitar do meu casamento mesmo tendo ele me deixado”.

Um dos moradores contou-me uma história pelo qual não deseja que nenhum homem passe. Segundo o mesmo uma moça muito bonita casou com um rapaz desta comunidade. O rapaz emigrou e ela ficou morando na sua casa própria que ficava ao pé da casa do sogro. O rapaz mandava dinheiro e a moça não tinha problemas financeiros,

por isso passeava muito e acabou por arranjar outro namorado e “saiu de casa com ele”, rompendo assim o seu casamento de uma forma drástica. Disse que aquilo foi um escândalo para os familiares do rapaz que se sentiram culpados por não ter vigiado a menina convenientemente ou por não alertar o rapaz antes de suceder o pior. O rapaz muito magoado nunca mais voltou para ver a sua família. A menina por sua vez, também viajou e fez a sua vida sem nunca mais pôr os seus pés ali.

Na verdade a situação de espera afecta de uma forma negativa as mulheres que ficam, sobretudo quando são abandonadas pelos esposos/companheiros. Durante esse tempo, elas estão sujeitas a mudanças nas suas condutas social de modo a cumprir com as regras sociais impostas. Além disso, passam a viver o distanciamento conjugal e a enfrentar a solidão e as incertezas, podendo em alguns casos afectar a sua própria saúde.

4.2 - Convivência e tensões sociais entre as mulheres cujos maridos emigram e os seus familiares que ficam no país de origem.

De uma maneira geral, em Pilão Cão, os casais unem-se, pelo casamento ou não, sem que, necessariamente possuam uma casa para morarem. Inicialmente a união aparece como o mais importante para o casal. O rapaz casa ou “tira a rapariga de casa” e leva-a para a casa dos pais e passam a viver com o resto da família até à construção da casa própria.

Embora a casa seja entendida como um espaço importante para a realização do casal, e um bem que dignifica a mulher³⁶, a construção exige meios financeiros que muitas vezes um jovem rapaz não tem disponível no momento da união. Por isso, a construção da casa própria é considerada um projecto a ser realizado após a união com a ajuda da mulher, ainda que socialmente seja considerado um dever do homem. O depoimento de uma das minhas informantes elucida alguns dos aspectos referidos.

Aqui os homens não se preocupam em construir a sua casa antes de casar ou de “tirar a sua noiva de casa”. O homem leva a mulher para a casa dos seus pais e ficam morando ali até conseguir construir a sua casa própria. Você sabe, aqui é muito difícil um jovem trabalhar e encontrar dinheiro para construir a sua casa antes de arranjar uma mulher, a não ser que seja um

³⁶ A casa além de ser vista como um espaço da mulher, quando é construída pelo marido/companheiro significa que a mulher é enaltecida pelo seu cônjuge.

emigrante. Quando me casei, já lá vão trinta e cinco anos, era assim e ainda continua sendo, excepto alguns casos. (D.TT., 59 anos).

Além disso, o facto de um homem levar a mulher para viver na casa dos pais é interpretado como um ato meramente masculino que tem um significado cultural para os moradores daquela comunidade. Pois, segundo a informante acima referida, a mudança é sinal de que a mulher aceitou submeter-se a um conjunto de deveres em relação ao marido/companheiro e aos seus familiares. Ao seu marido/companheiro ela deve a fidelidade, obediência, respeito e dedicação e em relação aos familiares do marido/companheiro, tem o dever de adaptar-se, porque passa a pertencer e a conviver com uma nova família. Nestas condições, disse a minha informante, que a mulher deve possuir ou então cultivar valores como a humildade, o respeito, e a capacidade de perdoar, sem os quais seria difícil um relacionamento sadio, sobretudo entre ela e os familiares do marido/companheiro.

O mesmo não acontece com os homens, se acontecer é sempre visto como um caso incomum nesta localidade. A mudança do esposo/companheiro para a casa da esposa/companheira ou dos familiares desta é interpretado como algo que não se ajusta às particularidades construídas da masculinidade, porque pressupõe que o marido/companheiro irá viver sob a autoridade da esposa/companheira e seus familiares. Um homem que se arrisca em desafiar as regras sociais e enveredar por este caminho é, nas palavras de um dos moradores, uma das duas coisas: “ou é um chulo³⁷ ou é um mofino³⁸”.

A aquisição ou escolha do espaço para a construção da casa segue também a mesma lógica. Em Pilão Cão o terreno para a construção da casa deve pertencer ao homem e não à mulher. Tal espaço pode ser comprado ou herdado, e muitas vezes localiza-se nos arredores da casa dos familiares do marido/companheiro. Desta forma, torna-se difícil evitar o contacto permanente e a convivência entre a mulher e os familiares do seu marido/companheiro. Aliás, como já foi dito, inicialmente todos tendem a formar uma única família. A chamada família extensa. Há casos em que tal coabitação perdura, como comprovam as declarações da minha entrevistada abaixo:

³⁷ Expressão crioula de carácter pejorativo que designam homens sem carácter porque tendem a viver às custas do trabalho da mulher.

³⁸ Expressão crioula usada para humilhar os homens que se consideram não possuir certas qualidades da masculinidade. Neste caso refere aos homens sem autoridade perante a mulher.

Eu por acaso não consegui construir a minha casa como pretendia porque o meu marido não tem serventia, foi-se embora e esqueceu-se da gente. Consegui juntar dinheiro e construí dois quartos na parte de traz da casa da mamãe³⁹. Mas continuo vivendo como antes: não há nenhuma divisão entre nós, continuamos a ser uma só família. Cozinhamos na mesma panela, trabalhamos “azáguas” juntas e guardamos os produtos no mesmo bidão, eu lavo a roupa de toda gente (...). Agora o número de família está diminuindo todos os dias. Os filhos da mamãe e os netos que também criou já foram para as suas casas. Dos meus filhos, já só falta uma para arrumar a sua vida.

Actualmente, somos uma família composta por seis pessoas: Eu, meu filho mais pequeno, um neto meu, a mamãe e mais dois netos dela. Se ela morrer antes de mim, fico com a casa. Acho que os outros filhos não vão interessar-se por esta casa. Mesmo assim ainda tenho o sonho de construir a minha própria casa”(DL, 45 anos).

No que respeita às minhas informantes principais, fica claro que a emigração dos seus cônjuges tem, por um lado, provocado um real vazio na unidade familiar e nas suas vidas e, por outro, aumentado as suas responsabilidades relativamente ao trabalho, a educação dos filhos etc. Nestes casos, os familiares do marido/companheiro tendem a cooperar. Estas mulheres deixaram transparecer no seu discurso que, salvo alguns casos, os familiares dos maridos/companheiros, colaboram na educação e nos cuidados com os filhos, auxiliam nos trabalhos, nomeadamente nos trabalhos agrícolas, nas construções, sobretudo naquelas que tem a ver com o investimento das remessas enviadas.

Ainda atendendo à ausência do marido/companheiro, os familiares deste tendem a controlar o comportamento da mulher desempenhando o papel de companhia/guarda, especificamente à noite e nalgumas deslocações que fazem, sobretudo se a mulher que fica for ainda jovem. Segundo Fonseca (2004) a ausência do homem na unidade familiar tem provocado um certo desconforto aos vizinhos, às outras mulheres que convivem diariamente com os seus maridos/companheiros, enfim a toda a comunidade, por isso muitas vezes elas estão sujeitas a um forte controlo social.

D.G., por exemplo, uma das moradoras de 54 anos de idade disse que enquanto o seu irmão vivia no estrangeiro fazia companhia à sua cunhada todas as noites, dormindo com ela, durante um período de quinze anos após ter-se mudado para a sua casa. Disse que embora fossem vizinhas, a sua cunhada não podia ficar sozinha porque na altura era

³⁹ Em Pilão Cão muitas mulheres denominam as suas sogras de mamãe sinal de respeito mas também da união, isto é tudo o que é do marido/companheiro passa também a ser da esposa /companheira e vice-versa.

jovem e sem filhos. Assim, por ser a irmã mais velha da casa, era sua obrigação acompanhá-la e vigiá-la. Admitiu que não lhe agradava sair todos os dias à tardinha e regressar de manhãzinha à sua casa, mas que tinha de o fazer porque os seus pais em acordo com o irmão a indicaram para o desempenho desta tarefa. Afirmou que só deixou esta rotina a partir do momento em que consideraram (o seu irmão e os seus pais) que a sua cunhada já era capaz de se cuidar e de viver sozinha com os filhos.

Contudo os papéis desempenhados pelos familiares do marido/companheiro não se reduzem somente a estas obrigações. Como realça Dias (2000) os papéis desenvolvidos pelos familiares do marido/companheiro são importantes na relação entre o homem que emigra e a mulher que fica no país. Os dados recolhidos durante o meu trabalho de campo indicaram que este papel intermediador dos familiares do marido/companheiro nem sempre se processa de uma forma pacífica. Podem contribuir tanto para fortalecer como para enfraquecer a relação entre o marido/companheiro e a sua esposa/companheira que fica.

Claudia Fonseca (2004) diz haver situações em que os homens dão mais importância aos seus consanguíneos e preferem as opiniões destes em detrimento da do seu cônjuge (FONSECA, 2004, p.42 e 43). Os depoimentos das minhas informantes confirmaram que várias vezes, a intermediação por parte dos familiares dos seus cônjuges, principalmente se as palavras destes são mais confiadas do que as delas, traduz-se em conflito entre elas e os seus cônjuges, que podem, em alguns casos, resultar numa separação definitiva. Em muitos casos, traduz-se também num conflito latente. Em relação a este último ponto uma das minhas informantes afirmou que ela já engoliu “muitos peixes pelo rabo⁴⁰”, tudo para evitar desavenças com o marido/companheiro ou com os seus familiares. Outras ainda utilizaram expressões como “sofri calada”, “deixei passar”, “se a gente não evita” ou “é preciso perdoar”. É de realçar que tais expressões são usadas especificamente por mulheres casadas e aquelas que vivem numa situação económica precárias, uma vez que são praticamente abandonadas pelo marido.

Neste sentido cito a opinião da D.L., casada e que está praticamente abandonada pelo seu marido.

⁴⁰ Mesmo que reverter a situação.

Eu já sofri calada. Os familiares do marido, as vezes me chateiam, mas o que fazer? Se nem casa tenho para morar. O que me ajuda é que eu tenho “muita opinião⁴¹”. Eu sou assim mesmo, como se fosse um carneiro. Quando decido uma coisa, prefiro morrer do que voltar a traz. Eu já disse daqui não saio. Só se for para embarcar. O melhor é pôr tudo “num prato limpo”⁴² (D.L., 45 anos).

Várias são as causas que estão na origem desta tensão. Entretanto, neste estudo o controle do comportamento sexual da mulher, a gerência das remessas tem provocado, segundo as minhas informantes algumas, situações de fofocas provocada por ciúmes por terem conseguido melhorar o seu poder económico, através das remessas enviadas pelo seu marido/companheiro. Como diz Fonseca (2004) a fofoca é um instrumento usados pelos mais fracos contra os mais fortes e tem como função nivelar ou rebaixar aquele ou aquela que se encontra na posição superior.

DM disse ter vivido com o seu companheiro, com o qual teve uma filha, durante cinco anos, juntamente com os seus familiares. O seu companheiro emigrou para Europa e passados dois anos construíram uma casa mesmo ao lado da do sogro, onde ela e a sua filha passaram a morar. Segundo esta informante, enquanto moravam juntos não tinha razões de queixa. Segundo a mesma, a amizade com a sogra era tão grande que lhe ofereceu a sua única filha para baptizar.

Mas do sogro e das cunhadas já não podia dizer o mesmo. Uma constatação que faz com a voz trémula e com a cara triste e desapontada. Ela disse que ela e o seu companheiro eram muito amigos e mesmo depois deste ter emigrado essa amizade continuou, pelo menos durante três anos. O companheiro telefonava frequentemente e mandava dinheiro com o qual ia construindo a casa onde mora. No entanto, contou que pertencia a uma Associação a qual dirigia juntamente com mais dois elementos. Por isso, de vez em quando, ela e os outros elementos da direcção deslocavam-se para outras localidades inclusive para outras ilhas para a realizações de reuniões e outras actividades. Disse que embora informasse o companheiro sobre todos os detalhes das deslocações e das actividades feitas, o sogro também fazia o mesmo e sem o conhecimento dela. Mas a informação passada pelo sogro era destorcida, acrescentando algo que pudesse comprometer o seu relacionamento com o seu companheiro.

⁴¹ Uma expressão crioula para designar as pessoas que são muito teimosas.

⁴² Esclarecer-se.

Entretanto, o companheiro acreditou nas palavras do pai e deixou de telefona-la, a não ser para casos pontuais. Passou a telefonar para casa do sogro com mais frequência e chamavam a sua filha para atender o pai. Ela por sua vez ficava em casa à espera pela sua vez, mas não recebia nenhuma chamada.

O dinheiro que antes era enviado para ela passou a ser enviado para o sogro que a entregava sempre que necessitava. Começaram a surgir conflitos entre ela e as cunhadas até que cortaram todo o relacionamento. Segundo a mesma, sempre que perguntava ao companheiro o que se passava este respondia que estava tudo bem.

A sua sogra porém sofria juntamente com ela. Andava sempre preocupada com ela e lhe pedia calma, pois um dia tudo ficaria resolvido. Contou que, passados quatro anos nesta situação, ficou a saber de tudo pela boca de um vizinho que, no entanto, pediu-lhe sigilo. A sua sogra foi ter com ela e falaram sobre o assunto e informou-a ainda de outros fatos passados de que não tinha conhecimento. Neste ponto, resolveu deixar a casa e voltar para a casa da mãe e telefonou o companheiro informando-o da sua intenção. Disse que numa resposta fria, como vinha acontecendo durante os últimos quatro anos, este lhe disse que a decisão estava nas suas mãos dela. Que ele iria continuar a cuidar da sua filha, onde quer que a criança estivesse. Assim resolveu pôr fim ao relacionamento.

Além dela também DF, de quarenta e cinco anos declarou que a interferência dos familiares do seu companheiro ditou o fim do seu primeiro relacionamento. Segundo as suas palavras os familiares do companheiro, com quem vivia tinham um papel central na relação entre os dois, a ponto de quebrar qualquer sigilo existente entre eles. O seu companheiro lhe escrevia cartas que tinham de ser abertas, lidas e relidas, por ela ou por uma das suas cunhadas, em voz alta à frente do sogro, da sogra e de outras pessoas que também se interessavam em ouvir a leitura. O sogro justificava que tinha de ser assim porque entre ele e seu filho nunca houve e nem poderia haver nenhum tipo de segredo. Entretanto, ela disse que não concordava porque as cartas eram para ela, mas fingia que estava tudo bem para evitar qualquer tipo de desavença, uma vez que, na sua situação de solteira tinha de “fazer-se de boazinha” para poder realizar o sonho de casar. Considerava “que tinha um pé dentro e outro pé fora da casa” e só com casamento resolveria tal situação.

As remessas também eram enviadas para o sogro e era ele quem decidia como investir. Disse que sua grande esperança era que a casa (em construção na altura) ficasse pronta e logo fosse viver sozinha, ficando assim um pouco mais independente. Mas, sobre esta questão, conta que o sogro ordenou ao seu companheiro que ela não poderia mudar-se para a sua casa enquanto ele não viesse porque não fazia sentido. O companheiro concordou, mesmo sabendo que não tinha data de regresso, depois de já estar emigrado há dois anos. Esta situação a deixava impaciente e também preocupava os pais dela que a queriam ver casada e a viver numa casa própria.

No entanto ela afirmou que após dez anos vivendo sozinha na casa dos seus pais, aceitou o namoro com outro emigrante com quem se casou. Desta vez, disse que manteve uma longa e franca conversa com o marido, na qual exigiu que houvesse limites na intervenção dos seus familiares. Propôs ainda ao marido que “arranjasse dois lugares na sua vida: uma para ela e os seus filhos e outra para os seus familiares” tudo para evitar possíveis choques entre eles.

Para ela, essa estratégia foi boa, uma vez que já lá vão catorze anos e nunca teve problemas por causa da intervenção dos familiares no relacionamento. Mesmo assim esta informante considera que uma mulher cujo marido/companheiro seja emigrante deve estar alerta aos familiares deste, uma vez que para ela, eles são “piores de que as cumbossas⁴³”.

Uma outra informante de vinte e nove anos de idade, também referiu à interferência dos familiares do seu companheiro na sua relação, embora neste caso a relação não tenha terminado. Inicialmente, e durante alguns anos, teve boas relações com os familiares do companheiro, com os quais vivia. Entretanto pequenas intrigas, a seu ver, fomentadas pelo ciúme do bom relacionamento entre ela e o companheiro e pelo seu nível económico, que ela considerava boa, fizeram com que essa amizade terminasse, facto que lamenta profundamente. Salientou que a sua relação com sogra e os restantes familiares do seu companheiro era tão boa que lhe ajudou a estreitar, ainda mais, a ligação entre ela e o seu companheiro emigrado, uma vez que, inúmeras vezes assistia a

⁴³ As amantes do marido /companheiro que são vistas como intrometidas e que influenciam negativamente o relacionamento entre os cônjuges, podendo até pôr fim aos mesmos.

conversas telefônicas entre a sogra e o companheiro, nas quais ela a elogiava, considerando-a a mulher ideal para o filho.

Para esta jovem a sogra vinha sendo uma verdadeira mãe e uma grande companheira no seu dia-a-dia na ausência do companheiro. Lamenta, contudo, que tal amizade não pudesse continuar por causa da interferência de uma das cunhadas que fez com que a sogra e alguns outros elementos da família ficassem contra ela. Por isso, e porque o seu companheiro não acreditava nas palavras da cunhada e outros familiares fez de tudo para protegê-la, porque sabia que tudo não passava de intrigas provocadas por ciúmes.

Contrariamente a que se pensa da figura da sogra e da cunhada como sendo bruxas, ou a que Fonseca⁴⁴ também demonstrou nos seus estudos que em determinadas situações as mães e as filhas tendem a proteger e a erguer-se de rival da cônjuge em favor dos filhos ou irmãos, oferecendo-lhe carinho e apoio moral, neste estudo são os próprios sogros a desempenhar este papel. Penso que essa particularidade tem a ver com a ausência de uma figura masculina na família. Neste caso os sogros tendem a substituir o filho nalgumas obrigações tanto na gerência e nos investimentos das remessas como no controlo do comportamento sexual da mulher.

Para finalizar este capítulo podemos dizer que a coabitação com os familiares do marido/companheiro é comum na comunidade de Pilão Cão, e tem as suas vantagens e desvantagens. A cooperação e outros apoios que têm dispensado são as grandes vantagens da convivência entre as esposas/companheiras que ficam e os respectivos familiares do marido/companheiros emigrados. Entretanto o controlo social exercido sobre elas pode ser a parte negativa, sobretudo quando tende a provocar tensões entre as partes. Segundo os meus dados, o controlo social exercido sobre as mulheres cujos maridos/companheiros emigram variam, podendo ser de menor ou maior grau conforme a idade, tipo de aliança entre os cônjuges, nível económico alcançado com a emigração do cônjuge. Portanto, se a mulher que fica for solteira, muito jovem a tendência é ser mais controlado pelos familiares do marido, e por conseguinte cria um clima de maior tensão entre eles. Da mesma forma, aquelas que não conseguiram sobressair

⁴⁴ Ver Claudia Fonseca, 2004. A contribuição da mulher para a rede de parentesco, pág.: 42, 43 e 44.

economicamente com a emigração ou que estão sendo abandonados pelo marido/companheiro os familiares tendem a cooperar.

CONCLUSÃO

Este trabalho analisa o processo de (re)configuração identitária das mulheres cujos maridos/companheiros emigraram na comunidade de Pilão Cão, concelho de São Miguel, interior de Santiago. A sua realização só foi possível graças a um longo período de revisão bibliográfica dos autores e autoras nas quais apoiei-me para a construção teórica deste estudo, mas também, e sobretudo pelo uso do método etnográfico para a recolha de dados.

Ao longo desta pesquisa procurei investigar e compreender como é que a emigração dos cônjuges influencia na reconfiguração identitária das mulheres que ficam. Os dados recolhidos e as análises feitas indicam que a saída dos maridos/companheiros provocam alterações na vida das esposas/companheiras que ficam, facto também afirmado por Furtado (1993) e Cardoso (2009). Todavia tais alterações são percepcionadas e vividas de forma diferente pelas mulheres entrevistadas, dependendo do sucesso ou não da emigração do marido/companheiro e do tipo de relacionamento entre os casais: umas dizem que sofreram apenas algumas modificações, mantendo-se alguns aspectos inalterados; outras entenderam que houve uma mudança radical nas suas vidas que as levaram a construir e a incorporar uma nova forma de si percepcionarem.

As análises relativas ao papel da mulher com a saída dos seus cônjuges mostram que elas substituíram e cumpriram eficazmente todos os deveres antes delegados aos maridos/companheiros. Apesar das ajudas recebidas dos seus familiares e dos familiares dos seus maridos/companheiros, as suas funções duplicaram perante a ausência dos seus cônjuges. Além dos afazeres diários da casa, dos cuidados com os filhos, do apoio nos trabalhos agrícolas e outros serviços que ajudam na receita familiar, elas passam a dirigir a família, a gerir e a investir as remessas recebidas, a educar os filhos sem a presença física do pai, isto é, passam a assumir todas as responsabilidades da família e da casa na ausência dos seus maridos/companheiros.

Entretanto, a adição de tarefas decorrentes do desempenho de papéis antes reservados aos maridos/companheiros não constituem grandes problemas, para as mulheres entrevistadas, desde que os seus maridos/companheiros mantenham contactos

permanentes com elas (por telefone e/ou outros meios de comunicações), que envie remessas e que realize visitas, mesmo que não sejam frequente.

Neste caso, as mulheres consideram que os papéis adicionais que têm estado a desempenhar durante a ausência física dos seus maridos/companheiros é uma situação provisória, podendo ser restituída com o retorno dos mesmos. Além disso, elas consideram que estão vivendo apenas a separação física dos seus cônjuges. O marido/companheiro mesmo no estrangeiro continua sendo o provedor da família e continua decidir sobre as questões mais importantes da mesma.

Já aquelas que perderam o contacto com os seus maridos/companheiros no estrangeiro passaram a assumir sozinhas a chefia da família. Ao contrário das outras, para essas mulheres a transformação dos papéis tiveram um impacto mais profunda sobre elas. De modo a garantir a subsistência da sua família, passaram a dedicar-se a todo o tipo de trabalho, dentro ou fora de casa, “leves” ou “pesados” e tornaram-se aptas para enfrentar as muitas barreiras impostas pelas dificuldades da vida.

Por isso, assumem que houve mudanças nas suas vidas tanto a nível pessoal como a nível da configuração familiar. Elas entendem que são “homem e mulher” ao mesmo tempo, uma vez que, a figura do marido/companheiro e pai é simplesmente recordada através de recontos passados e fotografias.

Em todos os casos estudados as mulheres dizem que a melhoria das condições de vida da família que fica constitui o principal objectivo da saída dos seus cônjuges. Segundo as suas declarações para que este projecto seja concretizado é preciso que elas também tomem parte. Elas não ficam à mercê da sorte ou à espera somente do dinheiro dos maridos/companheiros, que na maioria dos casos não chega. Através do recurso a trabalhos agrícolas, criação dos animais e outras estratégias, elas provam que têm um papel muito activo neste processo. Passam a assegurar a sobrevivência da família e algumas despesas da casa, ficando as remessas para possíveis investimentos, sendo a construção e reconstrução de casas e a escolarização dos filhos os mais citados.

Assim, podemos afirmar que as novas experiências adquiridas com o desempenho de novos papéis ou então a intensificação de papéis desempenhados pelas mulheres cujos

maridos/companheiros emigraram permitem algumas mudanças que servem de indícios para a construção de novas identidades. Dessas mudanças cito: alterações nas relações de género; novas identidades de género com a conquista de espaços masculinos (FURTADO, 1993 e CARDOSO, 2009); alterações na configuração familiar que em alguns casos possibilitam novos arranjos familiares em que a mulher passa a ser chefe e provedora da família; maior autonomia da mulher e mais espaço para negociação das decisões entre os cônjuges.

A nível emocional verifica-se que as mulheres entrevistadas continuam muito dependentes dos seus maridos/companheiros mesmo para as que já não têm esperanças de um possível reencontro. Elas tendem a desenvolver uma baixa auto-estima e a criar uma imagem negativa de si. A meu ver esta constitui uma das consequências negativas da emigração relativamente à vida conjugal.

De um modo geral todas elas são da opinião de que o retorno dos seus cônjuges acontece de forma irregular e insuficiente, por isso, queixam-se da solidão, da incerteza e do medo de serem trocadas por outras mulheres no estrangeiro. Temem ainda que a sua espera seja uma perda de tempo. Assim, desenvolvem um novo conceito de ser mulher que se distancia do anterior ou então que se distancia do conceito das mulheres que vivem juntos com os seus maridos/companheiros. Elas definem-se como “mulher incompleta”, “guardas” ou mesmo um “nada”.

As que são casadas e que foram abandonadas, pelos maridos/companheiros, acham que perderam a oportunidade de ser feliz num outro relacionamento e encerram a vida como um sacrifício. Questionam constantemente e procuram explicações para a perda do marido, tentando sempre se culpabilizar por essa perda. Restringem-se a certos comportamentos, ou a aventurar-se numa nova relação e defendem que o casamento na igreja é um compromisso que dura enquanto uma das partes permanecer viva. Neste sentido, declaram-se “viúvas de lenço branco” cujo sentido retracta o abandono, a fidelidade ao marido, a honra e o respeito pelo casamento.

O controlo social exercido pelos vizinhos e principalmente pelos familiares do marido/companheiro é visto como normal por parte da maioria das mulheres com as quais conversei. Elas entendem que as regras sociais existem e devem ser acatadas com

toda naturalidade, isso porque muitas dessas regras fazem parte do comportamento que qualquer “mulher comprometida” deve seguir ainda mais elas, cujos maridos/companheiros emigraram. Entretanto, existem situações de ciúmes e de fofocas que se originam a partir do controlo social exercido sobre elas que têm provocado algum conflito entre elas e os familiares do marido.

Nota-se que mulheres mais novas mostraram resistências a algumas das regras impostas. Estão conscientes de seus direitos e deveres, tentam negociar directamente com os seus cônjuges, ignorando aquilo que os outros possam pensar ou dizer.

Acatando as regras sociais impostas, passam a vivenciar algumas restrições. Já não podem participar em certas actividades sociais as quais estavam acostumadas, evitam conviver com determinadas pessoas, enfim, passam a viver num certo isolamento social. A este respeito elas também manifestam mudanças na sua forma de ser e de estar na sociedade, fazendo com que se criem uma nova identidade. Algumas dizem que tornaram-se mais modestas sobretudo no modo de se vestir, outras dizem serem mais reservadas, passando a dedicar-se mais aos trabalhos e à educação dos filhos. Outras ainda passam a se envolver mais nas actividades religiosas onde se sentem mais protegidas e confortáveis.

A emigração dos maridos/companheiros contribui para melhorar o nível económico de algumas mulheres entrevistadas. A construção ou reconstrução de casas, a aquisição de carros, o uso de produtos estrangeiros, a mudança de hábitos alimentares, são algumas das melhorias verificadas e que fazem com que algumas delas adquiram um *status* social mais elevado relativamente às mulheres que foram abandonadas ou que vivem juntamente com os seus maridos naquela comunidade. Também estas mudanças reflectem transformações na sua forma de ser e de estar e na forma como os restantes elementos da comunidade as vêem – são denominadas “mulheres de emigrantes”.

De uma forma muito resumida, concluo que segundo os dados recolhidos, as mulheres cujos maridos/companheiros emigraram já possuem uma identidade que é criada e compartilhada nesse grupo de mulheres. São mulheres que vivenciam algumas restrições impostas pelo controlo social, que possuem uma vida sexual muito limitada, que desempenham papéis sociais de “homem e de mulher” e vivem grande parte da sua

relação conjugal longe dos seus cônjuges etc. Entretanto aquelas que mantêm o contacto com os seus maridos/companheiros vivenciam esses momentos como sendo provisórios embora reconheçam que se tornaram mulheres diferentes. As que perderam o contacto com os seus maridos passam por transformações que consideram radicais. Por isso, constroem um novo significado sobre as suas vidas assumindo deste modo uma nova identidade.

Apesar das limitações identificadas, e de algumas dificuldades enfrentadas penso que este estudo permitiu conhecer melhor as mudanças que afectam a vida das mulheres que ficam quando os seus maridos/companheiros emigram em Pilão Cão e compreender como essas mudanças contribuem para a construção de uma nova identidade.

Não obstante, ao longo desta pesquisa surgiram alguns questionamentos apontando para outros temas que poderiam ser trabalhados com mais profundidade numa outra pesquisa. Por isso, deixo aqui algumas pistas que poderão servir para pesquisas futuras. Em primeiro, sugiro um estudo que aborde a emigração do cônjuge e seu impacto na saúde física e mental das mulheres que ficam. Seguidamente também uma pesquisa no sentido de analisar a relação entre o trabalho infantil e a emigração masculina. Ainda sugiro um outro estudo sobre género, honra/fidelidade no contexto migratório.

Para finalizar, gostaria de dizer que a realização deste trabalho constituiu um momento marcante na minha carreira e considero que este estudo constituiu apenas um contributo para compreender a problemática de género e emigração no contexto rural caboverdiano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGÉ, Marc (org.). **Os Domínios do Parentesco: Introdução ao vocabulário do parentesco.** Ed. 70, Lisboa, 1975.

BERGER, Peter, LUKMANN, Tomas. **A Construção Social Da Realidade: Um livro sobre a sociologia do conhecimento.** Tradução: Ernesto de Carvalho. 2ª Ed., Lisboa, Dinalivro, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina.** Tradução: Maria Helena. Rio de Janeiro, 2002.

BUTLER, Judith. **Problemas de género: feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.

CARDOSO, Carla. **Fornadjeiras da Ribeira de Principal: Poder, resistência e identidade feminina no espaço de produção.** Dissertação de mestrado apresentado ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade de Cabo Verde, Praia, 2009.

CARREIRA, António. **Migrações nas ilhas de Cabo Verde.** Praia, Instituto caboverdeano do livro, 1983.

CASTELL, Manuel. **O poder da Identidade.** 2ª ed, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2007.

COUTO, Carlos Ferreira. **Estratégias familiares de subsistências rurais em Santiago de Cabo Verde.** ICP, 2001.

DA MATA, Roberto. **O Ofício do Etnólogo, ou como Ter “Athropological Blues”.** In: NUNES, Edson (Org). *A Aventura Sociológica.* Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

DIAS, Juliana. **Entre Partidas e Regressos: Tecendo relações familiares em Cabo Verde**. Dissertação de Mestrado apresentado ao PPGS do Departamento de Antropologia, da Universidade de Brasília, 2000.

DURKHEIM, Émile. **Os Pensadores: Da Divisão do Trabalho Social**. São Paulo, Abril Cultural, 1978.

FONSECA, Claudia. **Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2004.

FURTADO, Cláudio. **A Transformação das estruturas agrárias numa sociedade em mudança – Santiago, Cabo Verde**. Praia, Instituto Cabo-verdiano do Livro e do Disco, 1993.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Editora: LTC – Livros Técnicos e Científicos S.A., Rio de Janeiro, 1989.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 4ª Ed. Lisboa, Fundação Gulbenkian, 2004.

_____. **O mundo na era da Globalização**. Tradução de Saul Barata, 1ª Ed, Lisboa, Presença, 2000.

GRASSI Marzia, ÉVORA Iolanda, (orgs). **Gênero e migrações Cabo-Verdianas**, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro, 11ª edição, DP&A Editora, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em www.cefetsp.br/edu/geo/identidade_cultural_posmodernidade. Acesso em 15 de maio de 2013.

HARAWAY, Donna. **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial**. Cadernos Pagu, n. 5, p. 07-41, 1995.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. **III Recenseamento Geral da População e Habitação do ano 2010**, Praia, 2011.

LAPLANTINE, François. **Aprender a Antropologia**. Tradução de Marie-Agnès Chauvel, 3ª Ed., S. Paulo, brasiliense, 1987.

LOBO, Andréa. **Tão Longe e Tão Perto: Organização familiar e emigração feminina na Ilha de Boa Vista - Cabo Verde**. Tese de Doutorado apresentada ao PPGS do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, 2006.

_____. **Tão Longe, Tão Perto famílias e “movimentos” na Ilha da Boa Vista de Cabo Verde**. Praia: Universidade de Cabo Verde, 2012.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné, Melanésia**, 2ª Ed., Abril Cultural, São Paulo, p.17-34, 1978.

MINAYO, Maria. **Ciência, Técnica e Arte: O Desafio da Pesquisa Social**. In DESLANDES, Suely; GOMES, Romeu NETO, Otávio: **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. 3ª ed., Petrópolis, RJ, vozes, p.9_26 1994.

MOHANTY, Chandra Talpade. **Bajo los ojos de Occidente: academia feminista y discursos coloniales**. In NAVAZ, Liliana Suárez, CASTILLO, Rosalva Aída Hernandez. Valencia España, Instituto de la mujer, Ediciones Cátedra, Universidad de Valencia, 2008.

MONTEIRO, César Augusto. **Comunidade Imigrada Visão Sociológica: O caso da Itália**. Mindelo, 1997.

MOORE, Henrietta. **Antropología y feminismo**. Madrid, ed. Cátedra, p. 13-25, 1991.

NETO, Otávio. **Trabalho de Campo Como Descoberta e Criação**. In: DESLANDES, Suely; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria (Org.): **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. 3ª ed. Petrópolis, RJ, vozes, p.51-64, 1994.

PEIRANO, Mariza. **A Favor da Etnografia**. Série Antropológica 130, Brasília, **1992**.

PISCITELLI, Adriana. “Gênero em Perspectiva”. Cadernos pagu (11), p. 141-155, outubro de 1988.

O essencial Sobre o Género: Conceitos Básicos. Tradução do Graal, 2004. Disponível em <http://www.graal.org.pt/files/OessencialCN.pdf>. Acesso em: 27 de abril de 2013.

PLANO DE DESENVOLVIMENTO URBANO DE PILÃO CÃO (PDU-PD). Relatório VI Junho de 2007.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, L. V. **Manual de Investigação em Ciências Sociais**. Tradução de João Marques, Maria Mendes e maria Carvalho. 2ª ed., Lisboa, Gradiva 1998.

RODRIGUES, Isabel Fêo. **As mães e os seus filhos dentro da plasticidade parental: reconsiderando o patriarcado na teoria e na prática**. In GRASSI, Marzia, ÉVORA, Iolanda (orgs.). **Gênero e migrações cabo-verdianas**. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 2007.

SCOTT, Joan Wallach. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, p.71-99, jul./dez. 1995.

SILVA, Marcelo, MENEZES, Marila. **Homens que migram, mulheres que ficam: O cotidiano das esposas mães e namoradas dos migrantes Zonzonais do Município de Tavares, P B** in: SCOTT P., CORDEIRO R., MENEZES M. (org.) **Gênero e Gerações em Contextos Rurais**. Ilha de Santa Catarina, Ed mulheres, 2010.

TRIVIÑOS, Augusto. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: A pesquisa Qualitativa em Educação**. 1 ed. São Paulo, Atlas S. A., 2009.

VELHO, Gilberto. **Observando o familiar**. In: NUNES, E. O.(Org.). *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 36-46, 1978.